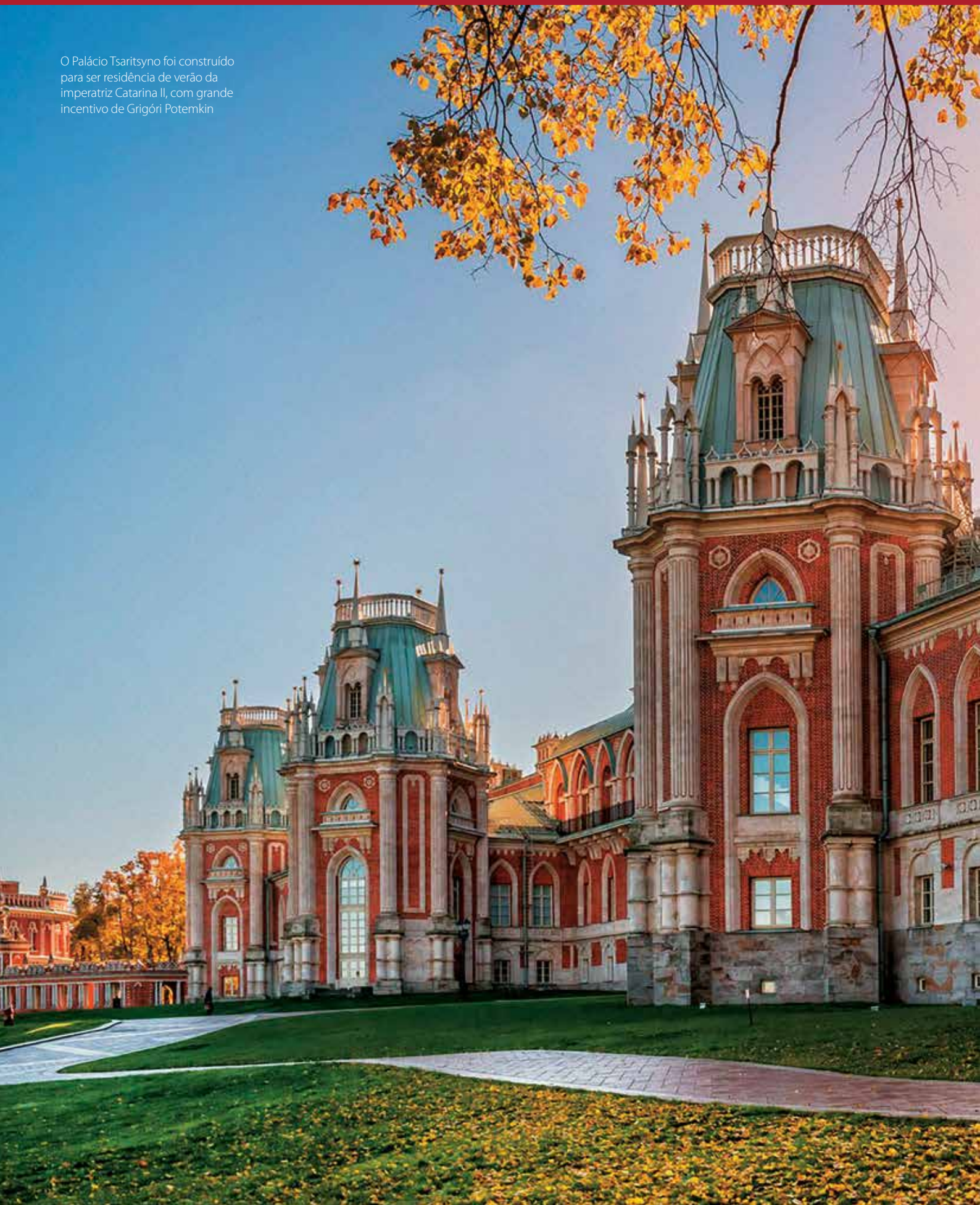
O legado de Mikhail Lomonossov

RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada da Rússia no Brasil

#13



O Palácio Tsaritsyno foi construído para ser residência de verão da imperatriz Catarina II, com grande incentivo de Grigóri Potemkin

Grigóri Potemkin (Nikolay Ivanovich Argunov, 1812)

Grigóri Potemkin

10 curiosidades sobre o homem que tornou a Crimeia parte da Rússia

Por Gueórgui Manáev, Russia Beyond

[https://br.rbth.com/historia/84296-1-curiosidades-homem-anexou-crimeia]

Grigóri Potemkin era frequentemente descrito como governante não oficial da Rússia. Conseguiu conquistar o coração da poderosa imperatriz russa Catarina, a Grande – além de novas terras para o Império Russo

1. Alcançou seus primeiros sucessos não graças à riqueza, mas à sua inteligência

Grigóri Potemkin era filho de um major aposentado da província de Smolensk, que morreu quando o futuro príncipe ainda tinha sete anos de idade. Potemkin foi criado pela mãe, que o enviou para uma escola secundária afiliada à Universidade de Moscou.

Depois de se matricular na própria universidade, foi premiado um ano depois com uma medalha por realizações em ciências e dois anos depois juntou-se aos doze melhores alunos da instituição. Embora não tenha terminado os estudos universitários, Potemkin foi notado na corte e passou a integrar o regimento da Guarda Montada.

2. Sua aparência e seu caráter contribuíram para a sua ascensão

"Alto, tinha um tipo físico proporcional, com músculos fortes e peitoral avantajado, nariz aquilino, sobrancelhas lindamente arqueadas, olhos azuis bonitos, uma bela tez com um rubor delicado, cabelo loiro macio e ondulado, dentes uniformes e deslumbrantemente brancos", foi assim que seu biógrafo, o historiador Vassíli Ogarkov, descreveu Potemkin em seus primórdios. Potemkin não era apenas um homem bonito: tinha uma força

real e nunca temeu dificuldades. Ele costumava dizer: "Estou ciente das dificuldades, mas adoro trabalhar com pessoas que as superam".

"Ele é muito corajoso – susta sob disparos e dá ordens com calma [...]. Enquanto espera o perigo, fica muito preocupado, mas, uma vez em perigo, fica alegre; e, quando cercado de prazeres, fica entediado [...]. Com generais, ele discute teologia; e, com os bispos, fala sobre a guerra", escreveu o diplomata austríaco Conde de Ligne.

Nem é preciso dizer que Potemkin era extremamente popular entre as mulheres – e estava apaixonado pela mais poderosa delas, a Imperatriz Catarina, a Grande.

3. Pode ter sido casado com Catarina, a Grande

Entre os favoritos de Catarina II, Grigóri Potemkin era o mais próximo e aquele que ela mais respeitava. Corria o boato de que eles haviam se casado em segredo. De acordo com a tradição russa, uma imperatriz não poderia se casar com um homem de posição social tão abaixo da dela: Catarina era uma imperatriz, enquanto ele era um nobre de baixa patente. Embora, em meados da década de 1770, Potemkin já fosse um general adjunto e possuísse enormes propriedades, ele as conquistou – em vez de obtê-las por herança. Além disso, mesmo tendo pertencido aos mais altos escalões da nobreza, não tinha sangue real correndo nas veias – o que significava que Catarina não poderia oficialmente se casar com ele. No entanto, por muito tempo, viveram no Palácio de Inverno como marido e mulher. Os aposentos privados de Potemkin ficavam diretamente acima do quarto da imperatriz. Só ele poderia entrar nos aposentos da imperatriz a qualquer momento e sem ser convidado. Em cartas, ela se dirigia a ele como "meu querido marido" e chamava a si mesma de esposa.

Monumento em frente à entrada do Complexo Memorial Histórico-Militar "Necrópole Militar", em Transnístria

4. Apesar do status, mantinha hábitos da classe baixa

"O primeiro roedor de unhas do Império" – foi assim que, de forma irônica, Catarina se referia a Potemkin. Na verdade, quando pensativo, o príncipe tendia a roer as unhas e não conseguia se livrar desse hábito, mesmo quando se tornou a segunda pessoa mais importante do país. Adorava comida camponesa simples, como tortas, mingaus e vegetais crus – e sempre os mantinha em seus aposentos.

Em cartas particulares e ao falar com seus subordinados, falava muitos palavrões. Entretanto, quando era importante para a sua carreira, Potemkin surgia impecavelmente vestido e primorosamente educado.

5. Mesmo depois de deixar de ser amante de Catarina, continuou sendo seu amigo e conselheiro

Em 1774, Grigóri Potemkin foi nomeado governador da recém-criada província de Novorossisk. Ele não estava mais tão próximo de Catarina como antes e sentiu profundamente a separação. No entanto, foi ele quem, em 1775, apresentou Catarina ao seu subordinado Piotr Zavadovski, que se tornou secretário e o novo favorito da imperatriz. Potemkin continuou a se corresponder com Catarina sobre os assuntos de Estado, bem como permaneceu seu principal conselheiro. "Como você não há igual", escreveu a imperatriz a ele. Na época, Potemkin já tinha assuntos importantes o suficiente com os quais se ocupar: ele comandava a nova Rússia e estava encarregado de conquistar a Crimeia. Além disso, em 1775, começou a reformar o exército.

6. Aboliu as perucas para soldados do exército russo

Potemkin era um verdadeiro militar e sabia como era importante para os soldados que eles se sentissem confortáveis. Antes da reforma, eles tinham que usar perucas trançadas, que precisavam ser enredadas em uma barra de aço. Potemkin escreveu: "Enrolar, fazer tranças, isso é serviço de soldado? Eles não têm criados!". Potemkin aboliu a exigência de perucas para os soldados, embora os oficiais continuassem a usá-las.

Potemkin também ordenou uma mudança no uniforme do exército: em vez de casacos duplos de lã e cintos justos (aquele uniforme parecia lindo, mas era terrivelmente desconfortável), introduziu calças simples, jaquetas e botas. Chapéus elaborados foram substituídos por capacetes práticos. Mas o principal impulso de sua reforma foi o respeito aos soldados: Potemkin proibiu o uso desses militares como mão de obra livre, falou repetidamente da necessidade de uma atitude humana para com os soldados e cuidou de sua saúde, porque sabia que, em uma guerra, mais soldados eram mortos por falta de higiene e por doenças do que por balas e projéteis.

7. Anexou a Crimeia ao Império Russo

Como governador da nova Rússia, Potemkin desenvolveu um plano para conquistar a vizinha Crimeia. Após a vitória de 1774 sobre o Império Otomano, na qual desempenhou um papel importante, o Canato da Crimeia foi declarado um Estado livre. No entanto, os turcos não tinham pressa em retirar suas tropas da região. Sob a liderança de Potemkin, durante muitos anos, os russos conseguiram – sem derramar sangue – chegar a um acordo com os turcos e com a população da Crimeia sobre a fusão desta com a Rússia. Em 1783, no topo do monte Aq Qaya, Grigóri Potemkin recebeu pessoalmente um juramento de fidelidade à coroa russa da nobreza da Crimeia e do povo. Por anexar a Crimeia ao Império Russo, Potemkin foi premiado com o posto de marechal de campo.

Acima: novo uniforme militar desenhado para o exército russo. Embaixo: pintura da imperatriz Catarina II, a Grande, por Ivan Semenovich Sablukov, c. 1770. realizada na época em que viveu

Grigory Potemkin e Catarina, a Grande ("O Triunfo de Catarina" - Vasily Nesterenko, 2007)

Representação da "Companhia das Amazonas", criada para a imperatriz Catarina II

8. Organizou a viagem de Catarina, a Grande, à Crimeia

Em 1787, Potemkin levou a imperatriz de 57 anos para a Crimeia em uma viagem de grande escala. Para se ter ideia, Catarina estava acompanhada por toda a corte, com cerca de 3 mil pessoas. A comitiva imperial era composta por 14 carruagens, 124 trenós com vagões e 40 trenós de reserva. A imperatriz viajou em uma carruagem para 12 pessoas, puxada por 40 cavalos, sendo acompanhada por cortesãos e criados, além de representantes de missões diplomáticas estrangeiras.

O percurso da imperatriz – a jornada começou no inverno – foi iluminado por tochas ou barris em chamas ao longo de quase todo o caminho. Em todas as paradas importantes, foi recebida por governantes gerais e, na Crimeia, foi acompanhada pelo imperador do Sacro Império Romano-Germânico, José II. Catarina passou 12 dias na Crimeia. Após a viagem, concedeu ao príncipe o título de Potemkin-Tavritcheski.

9. Montou uma "Companhia das Amazonas" para a imperatriz

Em 1787, Potemkin contou a Catarina quão bravamente os gregos que viviam na Crimeia lutaram junto com suas esposas contra os turcos. Quando Catarina duvidou da história, Potemkin prometeu apresentar à imperatriz evidências da coragem daquelas mulheres – e ordenou a formação de uma companhia de 100 mulheres guerreiras. A ordem foi dada ao chefe do batalhão grego de Balaklava, formado por gregos que haviam fugido da opressão do Império Otomano. Foram as esposas e filhas desses soldados que constituíram a "Companhia das Amazonas", chefiada por Elena Sarandova, de 19 anos, a primeira oficial mulher do Império Russo.

As amazonas receberam treinamento intensivo em equitação, esgrima e tiro. Em 24 de maio de 1787, a Companhia das Amazonas encontrou Catarina no vilarejo de Calcedônia. Montando belos cavalos, as amazonas estavam vestidas com uniformes coloridos: saias de veludo vermelho intenso e jaquetas verdes, ambas enfeitadas com galões dourados; e suas cabeças estavam cobertas por turbantes brancos com lantejoulas douradas e penas de avestruz. A imperatriz ficou muito satisfeita com o que viu. A Companhia das Amazonas acompanhou Catarina em sua jornada pela Crimeia e foi dissolvida após o término da viagem. Apesar da impressão causada, as amazonas russas jamais participaram de qualquer batalha.

10. Morreu como um verdadeiro guerreiro, em campo aberto

Em 1791, Potemkin, que tinha 52 anos na época, estava conduzindo negociações de paz com os turcos na cidade de Iași, em meio a mais uma guerra entre a Rússia e o Império Otomano. No caminho de Iași para Nikolaev, Potemkin adoeceu de repente. Ele pediu para ser retirado da carruagem e morreu praticamente em campo aberto.

Catarina ficou arrasada com a notícia da morte de Potemkin. "Meu aluno, meu amigo, pode-se dizer, meu ídolo, o Príncipe Potemkin-Tavritcheski morreu!", escreveu. As cinzas de Potemkin foram enterradas na Catedral de Santa Catarina, em Kherson.

Monte Aq Qaya ("Rocha Branca"), local em que Grigóri Potemkin recebeu, em 1783, um juramento de fidelidade à coroa russa da nobreza da Crimeia e do povo

Lomonossov e Capitão Chichagov (Alexei Zharov, 1952)

O legado de Lomonossov para além da Universidade

Por Oleg Egorov, Gazeta Russa

[https://br.rbth.com/arte/2016/11/19/o-legado-de-lomonossov-para-alem-da-universidade_649263]

Lomonossov nasceu em 1711, na região de Arkhanguelsk, quase mil quilômetros ao norte de Moscou, na família de um rico camponês pescador, que, assim como seus antepassados, estava envolvido com o comércio marítimo.

O cientista lembrava-se de seu pai como um homem amável, porém "educado com extrema ignorância". O mesmo não se pode dizer, entretanto, sobre o próprio Lomonossov, que estudou desde a infância e dominou vários livros enquanto ainda vivia em sua aldeia.

Busca pelo conhecimento

Pouco a pouco, a vida na aldeia tornou-se insuportável para o jovem, especialmente devido às discussões com sua madrasta e ao desejo do pai de casá-lo contra a sua vontade.

Em 1730, fugiu para Moscou com uma fileira de carros de peixe e entrou na Academia Eslavo-Greco-Latina. Mas, uma vez que crianças camponesas não eram admitidas na academia, Lomonossov apresentou-se como "filho de um nobre".

Mikhail Vasilyevich Lomonossov (1711 - 1765)

Jovem Lomonossov a caminho de Moscou (Nikolay Kislyakov, 1951)

Jovem Lomonossov em Moscou (Anatoli Vasiliev, 1957)

A administração do local acreditou facilmente que o jovem, que sabia ler e escrever, bem como matemática, era um aristocrata. Mas Lomonossov só recebeu oficialmente o título de nobre junto com o de professor de química, em 1745.

Cientista multifuncional

Lomonossov passou anos estudando: fez cursos em Moscou, Kiev, São Petersburgo, nas cidades alemãs de Marburg e Freiberg e, ainda, especializou-se em várias disciplinas – da filosofia à metalurgia. Mesmo em suas atividades posteriores, o cientista preservou essa diversidade, fazendo simultaneamente coisas diferentes.

Polímata (do grego, "aquele que aprendeu muito"), ele era muitas vezes comparado a Leonardo da Vinci, tão ampla era a sua esfera de interesses e atividades.

O russo não só aperfeiçoou a tecnologia de fabricação de vidro, como desenvolveu teorias de física e química (considerada, por ele, sua principal vocação), trabalhou nas áreas de astronomia e geografia, escreveu manuais de gramática e obras históricas, traduziu poesia e até produzia mosaicos.

Paralelamente, Lomonossov desenvolveu o projeto de fundação da Universidade de Moscou (1755), que hoje leva seu nome e é considerada uma das melhores da Rússia.

Dois passos à frente

Em 1901, 136 anos após a morte de Lomonossov, o professor de geologia Vassíli Dokutchaev declarou enfaticamente sua admiração por uma das obras do cientista. "Há muitos anos, Lomonossov propôs, em seus trabalhos, a teoria que defendi em minha tese de doutorado e a descrevi de forma mais ampla", escreveu.

Há outros exemplos de como Lomonossov estava à frente de seu tempo. Em 1761, ele foi o primeiro a descobrir que o planeta Vênus possui atmosfera, observando-o através de um telescópio. Além disso, por meio de documentos pertencentes à Academia de Ciências, soube-se que, em 1754, ele desenvolveu um protótipo de helicóptero – um veículo aéreo capaz de decolar verticalmente com duas hélices. Sua teoria cinético-corpuscular do calor antecipou também, em muitos sentidos, os conceitos sobre os átomos, que apareceram apenas 100 anos depois.

Sangue quente

Segundo seus contemporâneos, Lomonossov não era um cientista quieto. Em seu artigo sobre o cientista, o professor Grigóri Pruttskov, da Universidade Estatal de Moscou, descreve que, durante o trabalho na Academia de Ciências, Lomonossov havia lutado com ardor contra o domínio alemão. Lomonossov era um dos poucos russos que trabalhavam na academia na época e acusou seus colegas alemães de receber suborno e de incompetência.

Um contemporâneo conta que, em 1743, o cientista, "sob a influência de vinho", invadiu o Departamento de Geografia e repreendeu seus colegas por não saberem o básico de latim, chamando-os de "lixo" e fazendo "sinais obscenos com os dedos".

Lomonossov não tinha medo de mostrar seu temperamento nem mesmo durante as discussões com seu influente patrono, Ivan Chuvalov, um dos favoritos de Catarina, a Grande. Certa vez, Chuvalov gritou para o cientista, no calor de uma discussão, que iria removê-lo da Academia.

"Se acontecer alguma coisa, será a Academia removida de mim", disse Lomonossov, em tom de orgulho.

O fã Púchkin

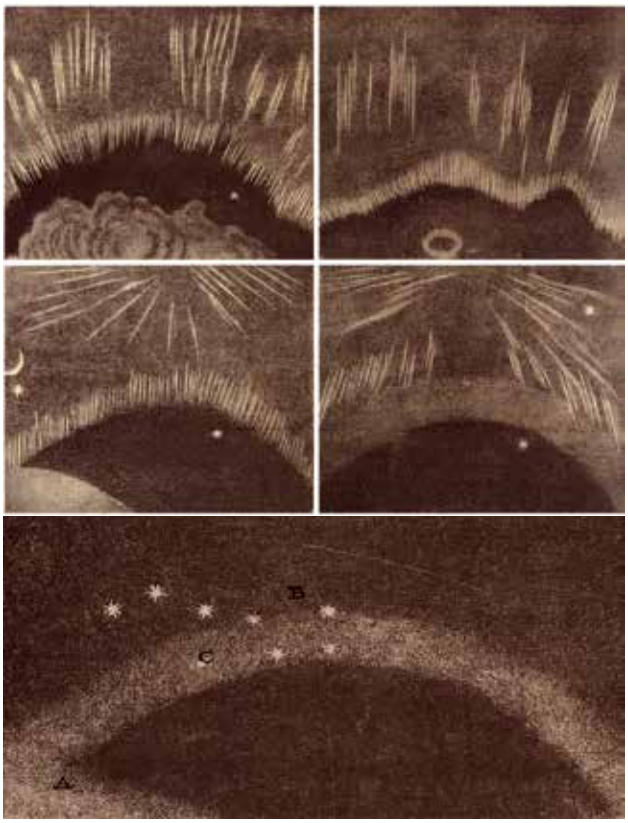
Não é por acaso que Lomonossov tinha muitos inimigos, inclusive na alta sociedade.

Um deles era Aleksandr Sumarokov, talentoso poeta e dramaturgo da época. Suas relações eram tão ruins que, em 1765, após a morte do cientista (por pneumonia), Sumarokov declarou: "O tolo finalmente se acalmou e não fará mais barulho".

Em compensação, Aleksandr Púchkin, que nasceu após a morte de Lomonossov, tinha uma opinião completamente diferente sobre ele. "Lomonossov era um grande homem. Entre Piotr I e Catarina II, ele foi o único defensor do Iluminismo, fundou a primeira universidade da Rússia, ou melhor, foi nossa primeira universidade", dizia o poeta.

Museu na antiga propriedade da família Lomonossov. O lago foi cavado por seu pai, Vasily Dorofeevich

Aurora Boreal na regiâo de Yamal
(foto de V. Timoshenko)



Desenhos de auroras boreais por Lomonossov

Lomonossov foi o primeiro a entender corretamente a natureza elétrica geral do raio e da aurora. Com incrível precisão, Lomonossov mediu a altitude de uma dessas auroras que foi observada em São Petersburgo em 16 de outubro de 1753: "como foi possível medir a altitude, encontrei 20, largura de 136 graus; portanto, a altitude da parte superior do arco é de cerca de 420 verstas" (unidade russa de distância igual a 1,067 quilômetros), ou seja, cerca de 450 km. E concluiu que a "aurora está localizada acima da atmosfera… força elétrica… se espalha até a superfície da atmosfera… e aurora acontece em éter livre". As suposições de Lomonossov sobre a semelhança principal entre aurora e descargas elétricas e a localização da aurora acima da atmosfera foram totalmente confirmadas, mas foram necessários 200 anos para prová-las.

Além da observação científica, Lomonossov escreveu poeticamente sobre as auroras, em "Reflexão noturna sobre a majestade de Deus no caso da grande aurora boreal":

O dia esconde sua face;
Os campos estavam cobertos pela noite sombria;
Uma sombra negra ascendeu às montanhas;
Os raios de nós se afastaram;
O abismo das estrelas está cheio;
As estrelas não têm número, o abismo do fundo.

Um grão de areia é como nas ondas do mar,
Quão pequena é uma faísca no gelo eterno,
Como poeira em um redemoinho forte,
Em um fogo feroz como uma pena,
Então eu, aprofundado neste abismo,
me perco, cansado de pensamentos !

Gravura de E. Fessar e K. A. Wortman, 1757

Mikhail Lomonossov, o pioneiro da ciência russa

Por Ian Chenkman, Gazeta Russa

[https://br.rbth.com/arte/2014/03/29/mikhail_lomonossov_o_pioneiro_da_ciencia_russa_24871]

Cientista, poeta e pensador russo, cuja contribuição ao desenvolvimento intelectual do país pode ser comparada às reformas do imperador Pedro I, Mikhail Lomonossov (1711-1765) é considerado pioneiro em muitas áreas de conhecimento, tais como na física, na filosofia e na literatura. Também é o criador da base da formação da cultura russa moderna

Uma hipótese não confirmada afirma a ligação entre o cientista, poeta e pensador russo Mikhail Lomonossov e o imperador russo Pedro I, que – durante um período de sua vida – trabalhou nos estaleiros do Mar Branco, local de nascimento de Lomonossov, e que, portanto, talvez seja o seu pai biológico. Este é apenas um dos mistérios que fazem parte da biografia do cientista que nasceu numa família rica, cuja lista de bens materiais incluía uma mansão e um navio.

Seguindo o conselho do escrivão local, que falou da necessidade de aprender o latim, pois "sem ele é impossível estudar a ciência", Mikhail resolveu viajar a Moscou. O estilo de vida humilde que o futuro pensador passou a viver na capital russa até agora permanece um grande mistério, levando-se em consideração a boa condição financeira da sua família.

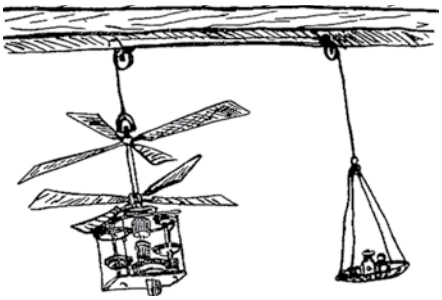
Estabelecido em Moscou, Lomonossov começou a estudar na Academia Greco-Latina, que posteriormente intermediou o seu intercâmbio para a Europa para que ele aprendesse mais sobre as ciências europeias.

Na Alemanha, Lomonossov se envolveu num escândalo (devido aos atrasos no recebimento dos valores mensais referentes à sua bolsa de estudos) e resolveu protestar, deixando a faculdade e vivendo aventuras no território europeu ao longo de um ano. O futuro cientista e pensador por pouco não virou um recruta do exército da Prússia e foi preso dentro de um forte, mas escapou. Além disso, enquanto estudava na Alemanha, Lomonossov, adepto da Igreja Ortodoxa, se casou com uma garota local conforme um ritual protestante, fato que foi obrigado a esconder durante a vida toda, com receio de não ser aceito pelos seus compatriotas.

Caráter forte

Apesar de ser um gênio em ciências exatas, Lomonossov não se encaixava na imagem de um acadêmico comum, devido à enorme força física e à sua autoconfiança. Um dia, prestes a se tornar vítima de um assalto, conseguiu evitar a perda dos seus pertences, fazendo dois assaltantes baterem um contra o outro de tal forma que ambos desmaiassem. O terceiro tentou fugir; porém, foi apanhado pelo cientista, que lhe fez a seguinte pergunta: "O que vocês pretendiam fazer comigo?". "Tirar a sua roupa", respondeu o bandido. Divertindo-se com o ocorrido, Lomonossov mandou o assaltante tirar as próprias roupas e, em seguida, jogou-as nas águas do rio.

O gênio russo tinha um caráter forte, um temperamento furioso; além disso, não suportava mentiras e enganação. O escândalo seguinte aconteceu na Academia de Ciências de São Petersburgo. Segundo o relatório de uma reunião, Lomonossov chamou os colegas professores de ladrões, assim como usou palavras e gestos obscenos para expressar a sua opinião em relação aos supostos crimes deles.



Acima: Medalha comemorativa do 200º aniversário da Universidade Estatal de Moscou. Abaixo: modelo de Máquina de Aeródromo idealizada por Lomosov

Lomonossov no laboratório de química (Anatoly Vasiliev, 1986)

No entanto, as acusações não foram feitas sem nenhum fundamento, pois embasavam-se no constante desvio dos fundos da Academia pelos seus próprios membros. Além disso, Lomonossov ficou irritado pelo fato de que todos os professores membros da instituição tinham origem alemã e ele não apoiava o conceito de objetividade histórica, escolhida pelo seu colega Miller, cientista do ramo, que acreditava na análise de todos os detalhes dos acontecimentos históricos sem expressar a própria opinião. Lomonossov foi adepto de uma opinião contrária, que consistia na ocultação dos fatos capazes de prejudicar a imagem do país, assim como acreditava que apenas historiadores russos poderiam exercer a sua profissão no território do país.

Diversidade

Lomonossov se interessava pela maioria das áreas científicas, da história à física e à astronomia. Suas descobertas incluem o princípio da conservação da energia e a famosa lei da conservação das massas: "a massa permanece constante, ou seja, a soma das massas dos reagentes é igual à soma das massas dos produtos".

Além das conquistas científicas, os resultados das atividades de Lomonossov incluíram a construção de um telescópio e as observações de Vênus. No entanto, muitas das suas descobertas nunca foram divulgadas fora da Rússia e foram feitas posteriormente pelos cientistas europeus. Apesar disso, ele significou muito para o desenvolvimento científico da Rússia, pois conseguiu abraçar a maioria das áreas da ciência, assim como contribuir ao aparecimento e ao desenvolvimento da literatura secular.

Apesar do estilo pouco sofisticado, pela primeira vez na história, as obras literárias russas pertenciam aos gêneros laicos e foram escritas no idioma russo, em vez do eslavo eclesiástico, usado na elaboração dos textos clericais, os únicos existentes até então. Lomonossov não considerava os seus frutos poéticos uma arte, pois enxergava-os do ponto de vista prático e atribuía-lhes o objetivo de expressar a necessidade da Rússia no desenvolvimento da ciência, da educação e do progresso em geral.

Ao contrário do mundo moderno, que trata os cientistas como os responsáveis pelas principais mudanças no mundo, na época, eles eram vistos pelas autoridades como a principal causa do desperdício dos recursos financeiros públicos. Tal foi o motivo das muitas dificuldades que

Mikhail Lomonossov foi obrigado a enfrentar para realizar o seu projeto de fundação da Universidade de Moscou, que, graças ao seu temperamento e à sua persistência, foi inaugurada e é hoje muito respeitada.

A sua paixão pela reflexão e pela pesquisa renderam muitos frutos. Lomonossov foi o primeiro a elaborar as previsões de tempo, a organizar missões para o Oceano Ártico e até a estudar os processos demográficos. Um dos seus projetos na área consistia nas propostas de medidas destinadas ao crescimento da população, tais como o cancelamento da lei que proibia mais de três casamentos por pessoa, a elaboração das políticas externas e internas capazes de atrair imigrantes, o combate ao alcoolismo e a redução da duração do serviço militar obrigatório. Dessa maneira, Lomonossov conseguiu mostrar às autoridades a realidade dos cidadãos russos, que até então elas não conheciam.

Enquanto os países da Europa contavam com o trabalho dos grupos científicos compostos por especialistas de várias áreas, Lomonossov conseguiu substituí-los por completo na Rússia do século XVIII.

Gráfico da origem dos fluxos verticais de ar na atmosfera (1753)

Lomonossov começou suas investigações em eletricidade atmosférica antes de Benjamin Franklin, chegando a conclusões mais profundas e, em muitos casos, mais corretas. Lomonossov provou, com observações de fenômenos naturais e cálculos matemáticos, questões que eram apenas palpites de Franklin.

Diante da suposição de Franklin, de que as cargas elétricas que causam trovoadas são resultado do movimento de contrafluxo das camadas atmosféricas superiores frias e inferiores mais quentes, Lomonossov escreveu a Leonhard Euler: "Eu também fiz cálculos que provaram que o ar superior não só pode, mas deve fluir para baixo, sobre o qual não há sussurro na pesquisa de Franklin".

Lomonossov homenageado em selo postal em 1956.

10 universidades russas de tirar o fôlego!

Por Tommy O'callaghan

[https://br.rbth.com/educacao/81077-10-universidades-russas-de-tirar-folego]

Ter um campus lindo não deve ser o único critério que você usa para escolher sua universidade... mas certamente ajudará com a excelente qualificação da educação russa!

1. Academia Estatal de Pintura, Escultura e Arquitetura Iliá Repin, em São Petersburgo

A academia surgiu em São Petersburgo em 1757 por iniciativa de Mikhail Lomonossov. Às margens do rio Nievá, esta instituição – tão bela quanto um edifício de Paris ou de Amsterdã – tem um salão principal com cúpula de vidro sobre amplos pisos decorativos e arcos romanos.

Também é digno de nota o espetacular pátio circular do campus, que tem uma enorme parede panorâmica de janelas elevadas.

A universidade, que deixou uma marca enorme na história da arte russa, aceita apenas mil estudantes de arte clássica de elite por ano, mas também oferece cursos de verão em inglês para estrangeiros.

Site: **rai-summer.blogspot.com**

2. Universidade Estatal de Moscou Lomonossov

A história desta universidade remonta a 1755, mas o edifício principal foi erguido há pouco mais de 50 anos, em 1953. Sua característica mais marcante, aliás, é que este é o maior edifício universitário do mundo.

O prédio principal da Lomonossov talvez seja a mais famosa das "sete irmãs de Stálin". O prédio fica localizado sobre o monte Vorobiôvi Gori e dispõe da melhor vista de Moscou, com um parque de mesmo nome logo abaixo.

Majestosa, inspiradora e histórica, a Estatal de Moscou é o destino ideal de qualquer um que tenha grandes aspirações na capital russa.

Site: **www.msu.ru**

Academia Estatal de Pintura, Escultura e Arquitetura Iliá Repin, em São Petersburgo

Universidade Estatal de Moscou Lomonossov

Universidade Politécnica Pedro, o Grande, de São Petersburgo

3. Universidade Politécnica Pedro, o Grande, de São Petersburgo

Encomendada em 1899 pelo ministro das Finanças, o conde Serguêi Witte, e pelo lendário químico Dmítri Mendeleiev, a Politécnica de São Petersburgo sempre foi projetada para ser uma prova da grandiosidade imperial.

A instituição neoclássica é caracterizada por suas magníficas arcadas romanas, pelas escadarias grandiosas e por seus lustres extravagantes, construídos para lembrar campus como os de Oxford, Cambridge e da Universidade Técnica de Berlim.

Localizado fora do centro da cidade, próximo à aldeia de Sosnovka, o campus também tem muitas áreas verdes, que o tornam impressionante no verão.

Site: **spbstu.ru**

4. Universidade Estatal de Tomsk

Tomsk ganhou sua própria joia da arquitetura clássica em 1878, quando decidiu envergar um pouco da pompa europeia no estilo da Sibéria. Decorado com bela alvenaria de tijolos brancos e pisos em parquet no interior, este prédio é um dos monumentos mais atraentes da cidade.

Além disso, apesar de seu deslumbramento, a universidade oferece uma atmosfera surpreendentemente aconchegante, com seu belo bosque frontal e as antigas casinhas russas azuis em estilo antigo que ficam ao lado do impressionante edifício principal.

Site: **tsu.ru**

5. Universidade Federal de Kazan

Apelidada de "orgulho de Kazan", esta instituição é tão elegante quanto despretensiosa. Concluído em 1830, seu campus universitário neoclássico, bem no centro de Kazan, segue todas as regras do seu tempo – de linhas retas e claras a colunas atraentes e simétricas.

Assim, não surpreende o fato de que a universidade esteja no Registro Russo de Locais de Patrimônio Cultural desde 1996.

O campus principal tende a receber a maior parte da atenção, mas o complexo também abriga uma série de outras maravilhas neoclássicas, como o Instituto de Química, a Biblioteca Estatal Tártara ou o Observatório Universitário. Em matéria de beleza, o material aqui é farto.

Site: **kpfu.ru**

Universidade Estatal de Tomsk

Universidade Federal de Kazan

6. Universidade Estatal de São Petersburgo

São Petersburgo é o lar de uma série de universidades impressionantes, e esta é a "alma mater" de Vladimir Putin, instituição que, cheia de orgulho, afirma ser a mais antiga da Rússia.

Fundado em 1724 como um grande plano educacional de Pedro, o Grande, o campus funciona hoje em diversos locais pitorescos da cidade; dentre eles, o elegante prédio vermelho dos Doze Colégios, na ilha Vassilievski (que conta com o mais longo corredor acadêmico do mundo), e a Faculdade de Economia e Finanças, no centro da cidade, que mais se parece com um panóptico.

Site: **spbu.ru**

Universidade Estatal de São Petersburgo

7. Universidade Estatal Técnica Bauman de Moscou

Segunda universidade mais antiga da Rússia, a Bauman tem um campus principal que faz jus ao seu prestígio. Com uma vista quase intimidante do rio Iauza, este enorme prédio é testemunha dos milhares de engenheiros e chefes de indústrias famosos que a instituição gerou.

Site: **www.bmstu.ru**

Universidade Estatal Técnica Bauman de Moscou

8. Universidade Federal do Extremo Oriente, em Vladivostok

A Universidade Federal do Extremo Oriente se uniu recentemente a quatro universidades próximas. Localizada às margens da baía de Ajax (em russo, "Bukhta Aiaks"), em Vladivostok, ela é um dos lugares mais pitorescos do país.

Projetado para ser uma "cidade dentro da cidade", o campus de Vladivostok tem diversos parques, ruelas e complexos esportivos, além dos alojamentos estudantis mais modernos de toda a Rússia (o que significa que você provavelmente não precisará de nosso guia de sobrevivência do obshaga por lá).

Site: **www.dvfu.ru**

Universidade Federal do Extremo Oriente, em Vladivostok

Universidade Federal do Báltico Immanuel Kant, em Kaliningrado

Universidade Innopolis

9. Universidade Innopolis

A mais nova universidade da Rússia na nova e intocada aldeia de Innopolis, no Tatarstão, na região central do país, é tão futurista quanto a própria instituição.

Localizado às margens do rio Volga e não muito longe de Kazan, capital da região, o estabelecimento de ensino superior foi inaugurado em 2015 e está buscando ser um hub das próximas indústrias científicas de TI e robótica da Rússia.

A fachada de vidro da Universidade Innopolis mais parece uma nave espacial. De longe, o prédio parece flutuar sobre o solo. Além disso, há uma série de túneis subterrâneos conectando o campus com as áreas residenciais estudantis.

Site: **www.innopolis.com**

10. Universidade Federal do Báltico Immanuel Kant, em Kaliningrado

Embora o campus anterior da Universidade Federal do Báltico, na Universidade Alemã de Konigsberg, tenha sido muito danificado pela Segunda Guerra Mundial, muitas de suas estruturas originais permanecem intactas.

Um passeio pela universidade dá a sensação de se estar na Prússia Imperial, algo muito parecido com o que se sente no restante do exclave russo de Kaliningrado.

Site: **eng.kantiana.ru**

Com alunos de 140 países, Universidade da Amizade dos Povos, em Moscou, completa 60 anos

Por Marina Darmaros e Aleksêi Strôganov, Russia Beyond

[https://br.rbth.com/sociedade/2015/10/02/uma-universidade-na-base-da-amizade_478907]

De reduto comunista a berço de liberais

No final de agosto de 1968, o jovem soviético Vladímir Filippov, aos 17 anos de idade, chegou a Moscou em um trem noturno vindo de Uriupinsk, uma cidadezinha na região de Volgogrado, para iniciar seus estudos na RUDN (da sigla em russo, Universidade Russa da Amizade dos Povos).

Ele conseguiu entrar no alojamento universitário já perto da meia-noite e lá descobriu que dividiria o quarto com um vizinho de Madagascar e outro de Camarões. Nenhum deles falava russo, e Filippov passou a noite enchendo os novos camaradas da geleia caseira que tinha trazido do interior. Mas, quando chegou a hora de dormir, surgiu um problema.

"A moça que cuidava da roupa de cama já tinha ido embora, e eu fiquei na mão. Então, eles juntaram as três camas e esticaram seus dois lençóis para estendê-los em todos os colchões. Dormi entre os dois. Foi meu primeiro contato, muito amigável, com estudantes estrangeiros",

lembra Filippov, hoje reitor da instituição e ex-ministro da Educação do País.

Neste ano, a Universidade da Amizade dos Povos celebra seu 60º aniversário e continua a atrair estudantes do mundo todo, apesar de não dar mais importância aos objetivos que levaram à sua criação.

Quando a universidade foi fundada, em 1960, uma de suas principais metas era propiciar ensino superior a jovens líderes de países africanos, asiáticos e latino-americanos, para que eles retornassem aos seus países de modo a promover os valores comunistas ou, pelo menos, encorajar seus governos para que fossem mais amigáveis com a URSS.

O quadro de funcionários da universidade era formado por alguns dos acadêmicos mais respeitáveis das ciências biológicas, exatas e humanas. Além disso, ela tinha a reputação de ser a instituição mais "mente aberta" do ensino superior russo.

Revolução educacional

Na década de 1980, a RUDN foi um dos primeiros estabelecimentos da URSS a trocar seu modelo educacional pelo ocidental, oferecendo cursos de bacharelado e mestrado no lugar do "primeiro diploma soviético", que tinha de cinco a seis anos de duração.

Até hoje, a universidade atrai estudantes do mundo inteiro, mas enfrenta novos desafios, já que os *rankings* internacionais se tornaram parte importante do recrutamento.

A *designer* de eventos brasileira Inayê Brito, de 27 anos, por exemplo, estudou na RUDN depois de ser selecionada para intercâmbio pela Universidade de São Paulo (USP). "Gostei muito da receptividade da universidade para estrangeiros. A instituição parecia preparada para a inclusão e ensina estudantes de qualquer lugar do mundo", disse ao *Russia Beyond*.

Ela acredita que a universidade merece a quarta posição nos *rankings* russos, noticiada recentemente pela agência de notícias Interfax. "As exigências e as altas expectativas dos estudantes são muito maiores na USP do que na RUDN, embora o sistema seja totalmente diverso em termos de programas, notas, aulas, metodologia e professores", diz Inayê Brito.

Diretora regional para a Europa Oriental e a Ásia Central de um dos principais *rankings* de universidades do mundo (o QS), Zoya Zaitseva concorda com o fato de que a diversidade é um dos pontos fortes da RUDN, mas diz que, para subir nos *rankings*, a instituição terá que focar novamente em ser um local onde os melhores queiram ensinar e aprender.

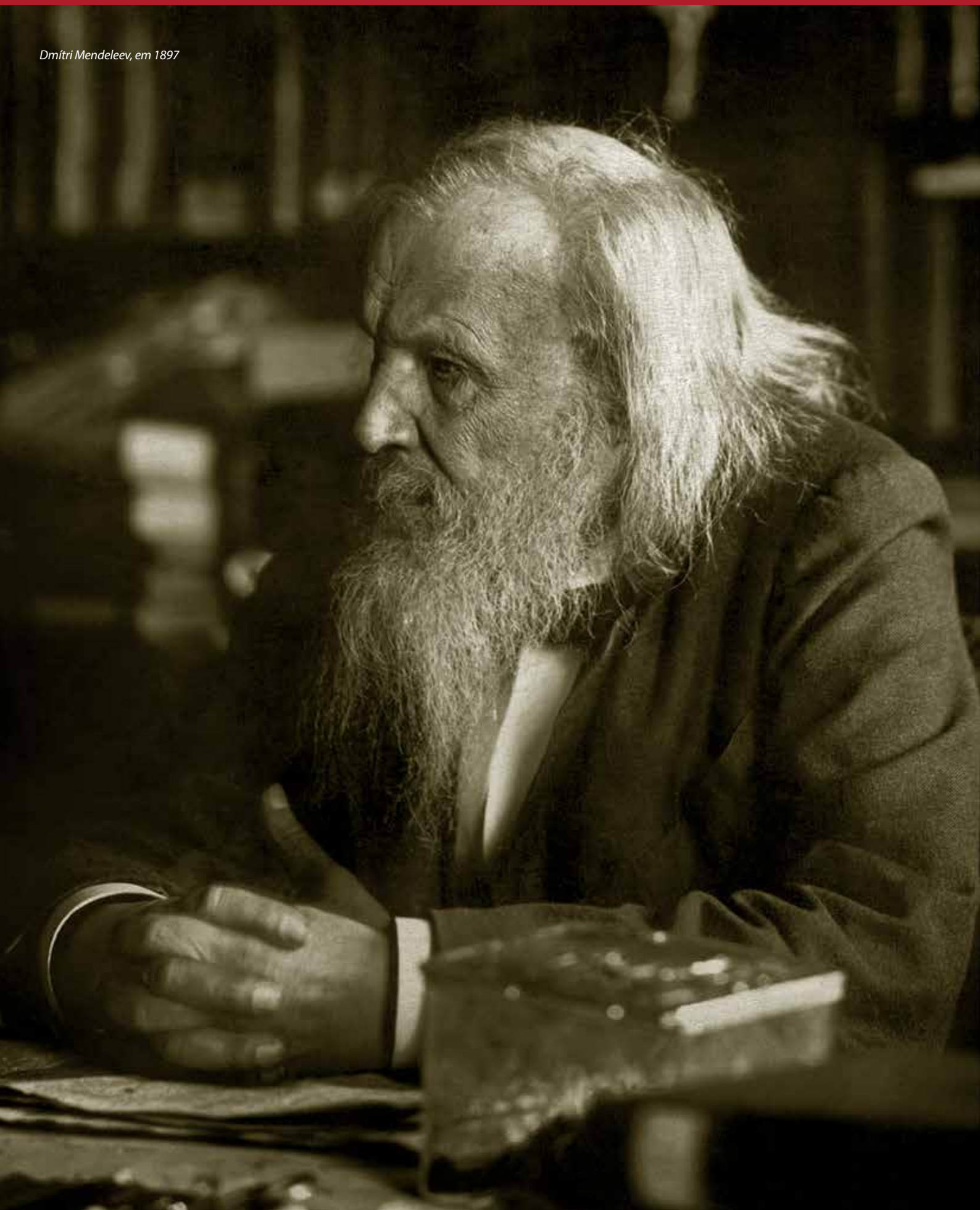
Alunos da RUDN nos anos 1960 e Nikita Khruschov na inauguração da universdade.

"Esta é, provavelmente, uma das universidades mais modernas, flexíveis e progressistas da Rússia e precisa de um esforço conjunto para ser reconhecida globalmente, para que seus formandos tenham mobilidade e possam achar bons empregos sem passar por todos os problemas de ter que provar que seus diplomas valem alguma coisa", diz.

Um meio de melhorar a reputação da universidade, segundo ela, é trabalhando sua enorme rede de formandos, que inclui, por exemplo, o primeiro-ministro do Chade, Abbas Yusuf Saleh; o ministro do Máli, Abdramane Sylla; e o diretor-executivo do Conselho de Turismo do Quênia, Achieng Ongong'a.

RUDN, berço de ilustres

A Universidade da Amizade dos Povos (RUDN) foi fundada em fevereiro de 1960. Um ano depois, foi renomeada em homenagem a Patrice Lumumba, primeiro líder eleito democraticamente no Congo. A primeira turma era composta por 228 estudantes de 47 países e graduou-se em 1965. Hoje, mais de 29 mil jovens de 140 países estudam ali. Além de diversos líderes de Estado estrangeiros, a instituição continua a formar até hoje russos de destaque, como o líder oposicionista Aleksêi Naválni e a espiã Anna Tchapman.



Dmítri Mendeleev, em 1897

7 elementos químicos com nomes da Rússia

Por Eleonora Goldman, Russia Beyond

[https://br.rbth.com/ciencia/86546-7-elementos-quimicos-com-nomes-russia]

Todos sabem que a tabela periódica foi criada pelo químico russo Dmítri Mendeleev. Mas a verdade é que muitos elementos novos também têm ligações com o país

Em 1869, o cientista russo Dmítri Mendeleev descobriu a lei periódica, segundo a qual "as propriedades físicas e químicas dos elementos são funções periódicas de seus números atômicos". Isso permitiu que ele criasse uma tabela que não apenas incluísse todos os elementos químicos conhecidos, mas também previsse as propriedades físicas de elementos ainda desconhecidos. Todos os elementos até 94 (Plutônio, Pu) foram encontrados na natureza, mas os seguintes se desintegraram há bilhões de anos e agora só podem ser sintetizados em laboratórios – e é isso o que a ciência moderna faz. No século passado, pensava-se que não poderia haver mais de 100 elementos, mas hoje já são conhecidos 118. Vários deles receberam nomes de cientistas russos e dos lugares onde foram descobertos.

I. Rutênio (Ru)

O primeiro elemento químico com nome relacionado à Rússia pode ser encontrado na tabela sob o número 44. É um metal descoberto em 1844 pelo professor Karl Ernst Claus, na Universidade Estatal de Kazan. Claus o nomeou com a palavra latina 'Ruthenium' – o nome europeu das terras eslavas orientais na Idade Média.

O rutênio é extraído do minério platina. Hoje, é um elemento importante na indústria, e seu uso é limitado somente por ser encontrado em pequenas quantidades na natureza.

Por exemplo, sua liga torna o titânio resistente à corrosão, e a mistura com platina é usada para fazer contatos elétricos. O rutênio também é utilizado como catalisador para a purificação de água em estações orbitais.

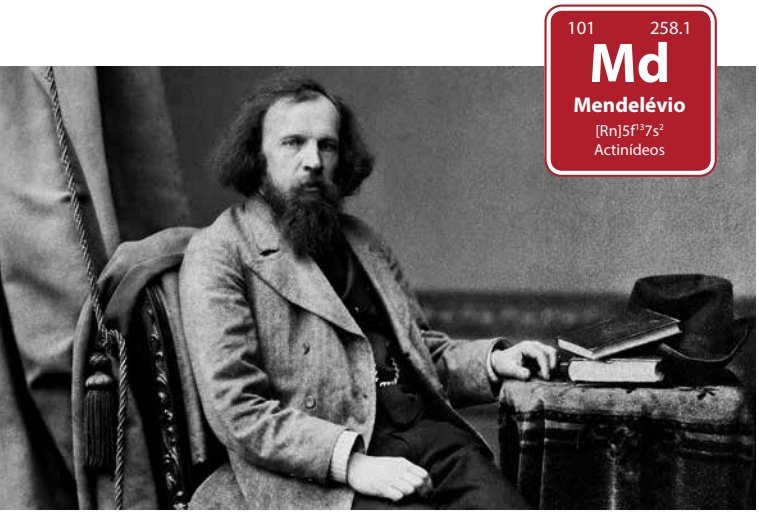
Rutênio

Samário

2. Samário (Sm)

O elemento de número atômico 62 recebeu seu nome em homenagem ao engenheiro de minas Vassíli Samárski-Bikhovets. Em 1847, esse engenheiro russo deu um certo mineral das montanhas Ilmenski (na atual região de Tcheliábinsk) para o químico alemão e membro da Academia Russa de Ciências Heinrich Rose, para que ele o estudasse. Rose deu-lhe o nome de Samarskite e depois, em 1878/1879, os químicos Marc Delafontaine e Paul-Emile Lecoq de Boisbaudran descobriram nele um novo elemento químico, chamando-o de samário.

Atualmente, o samário é usado para fabricar ímãs e na medicina.



Mendelev

3. Mendelévio (Md)

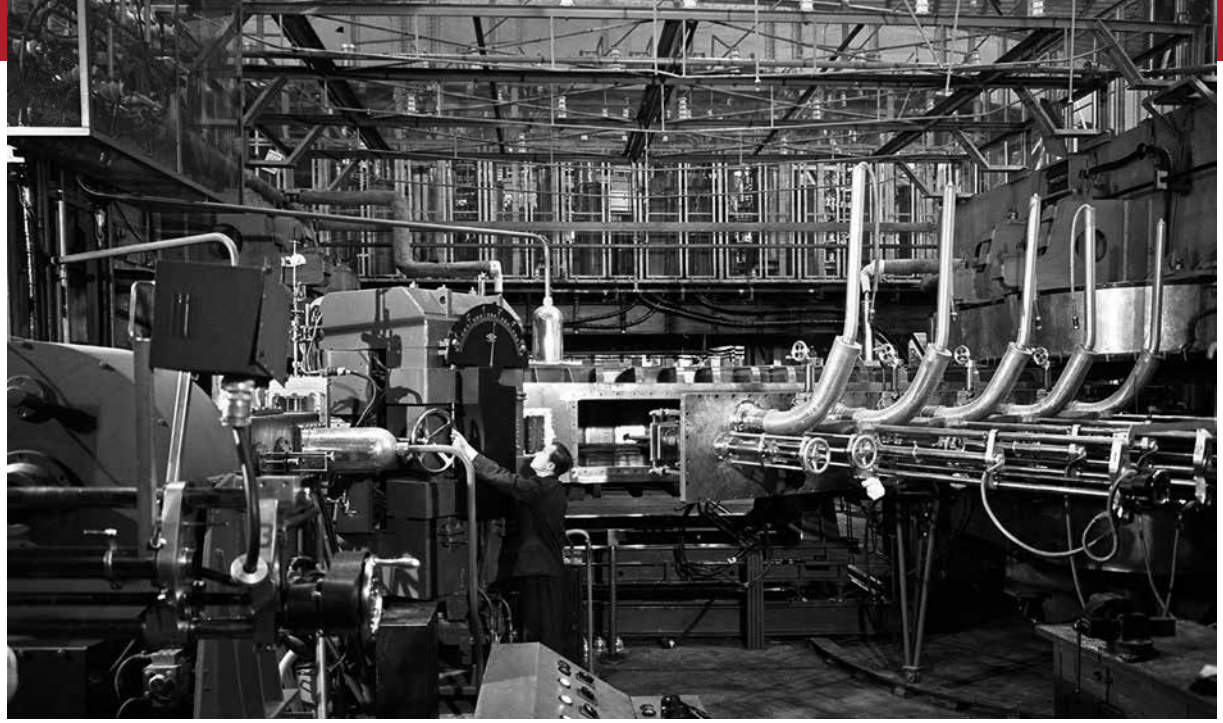
O elemento com o número atômico 101 é nomeado em referência a Dmítri Mendeleev. Foi sintetizado em 1955, por cientistas norte-americanos da Universidade da Califórnia, Berkeley. Foram eles mesmos que sugeriram colocar o nome do criador da tabela periódica. No mesmo ano, a sugestão foi acatada pela União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC).

Trata-se de um metal altamente radioativo. Até agora, a ciência conhece 17 de seus isótopos, com meias-vidas que variam de uma hora a 51 dias. Ainda não é usado na prática.

ICPN em 1968

4. Dúbnio (Db)

Há uma cidade científica na região de Moscou chamada Dubna, onde está localizado o Instituto Conjunto de Pesquisa Nuclear (ICPN). Desde o final da década de 1950, este é o principal centro da Rússia onde cientistas sintetizam novos elementos químicos por meio de reações nucleares. O elemento químico com número atômico 105 foi descoberto em 1970 tanto por cientistas soviéticos do ICPN como americanos do Laboratório Lawrence Berkeley, na Califórnia (em Dubna, os primeiros resultados foram obtidos ainda antes, em 1968). Os dois centros científicos conduziram pesquisas independentes.



Acima: dispositivo introdutório do sincrofasotron no Laboratório de Alta Energia do Instituto Conjunto de Pesquisa Nuclear, em Dubna, 1956 (foto de Alexander Batanov; Abaixo: imagem recente do ICPN

O elemento também recebeu um nome diferente: na URSS, foi chamado de Nielsbohrium (Ns), em homenagem ao físico dinamarquês Niels Bohr; e, nos Estados Unidos, de Hahnium (Ha), em referência ao físico alemão Otto Hahn. Em 1994, a comissão da IUPAC propôs o nome Joliotium (Jl), em homenagem ao físico francês Frederic Joliot-Curie. Assim, nas tabelas de Mendeleev de diferentes anos, podem-se ver nomes distintos para esse mesmo elemento. A IUPAC tomou a decisão final apenas em 1997, nomeando o elemento 105 em homenagem a Dubna.

Quanto ao elemento em si, sabe-se que é extremamente radioativo e o mais estável de seus isótopos tem meia-vida de apenas 28 horas. Ainda não se encontrou aplicação prática para ele.

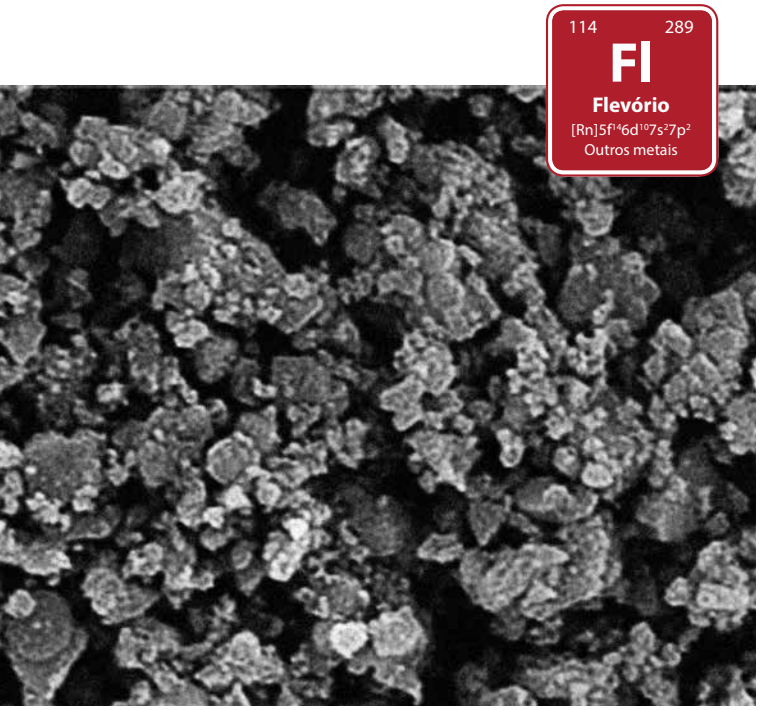
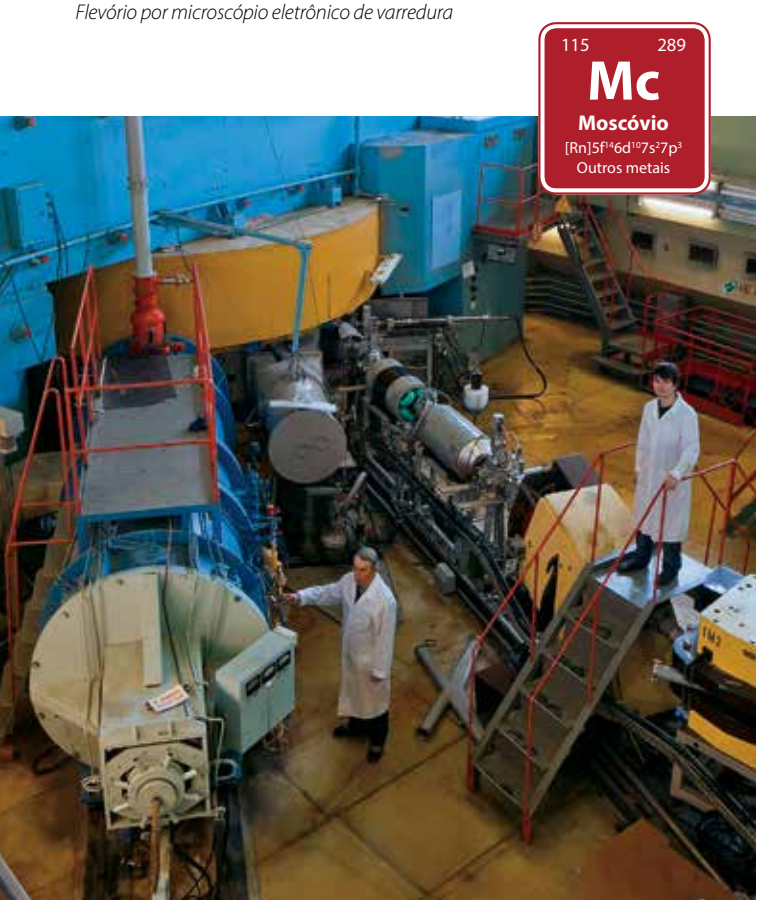


Imagem 50000x ampliada de nanopartículas de Flevório por microscópio eletrônico de varredura

5. Fleróvio (Fl)

O elemento 114 foi sintetizado em Dubna em 1998 sob a liderança do notável (e ainda vivo) especialista em física nuclear experimental Iúri Oganessian, com a participação de físicos norte-americanos do Laboratório Nacional Lawrence Livermore. A comissão da IUPAC aprovou oficialmente o nome fleróvio em 2012, em homenagem ao fundador do laboratório Dubna, o físico soviético Gueórgui Flerov. Entre os anos de 1965 e 1974, a equipe de Flerov conseguiu sintetizar os elementos 102, 103, 104, 105 e 106.

O fleróvio é um metal que não existe na natureza (pelo menos, por enquanto). Seus isótopos se desintegram em uma fração de segundo. No entanto, os físicos acreditam que, se ele pudesse ser obtido em qualquer quantidade de peso, teria densidade semelhante à do chumbo e poderia se tornar um dos metais mais facilmente fusíveis e de fácil ebulição.



Ciclotron U-400, onde foram realizados experimentos dos quais foi obtido o Moscóvio

6. Moscóvio (Mc)

O elemento de número 115 foi sintetizado em Dubna em 2003, mas obteve reconhecimento internacional apenas em 2015, após uma série de experimentos em centros científicos. Em 2016, a IUPAC nomeou-o oficialmente como moscóvio em referência à região de Moscou, onde está situada a cidade científica de Dubna.

Este elemento superpesado é altamente radioativo e tem meia-vida medida em frações de segundo. Suas propriedades ainda precisam ser estudadas.

Sede do Instituto Central de Investigações Nucleares, em Dubna

Os físicos soviéticos Gueórgui Flerov (à esquerda) e Iúri Oganessian, homônimos dos elementos 114 e 118, respectivamente, em 1989

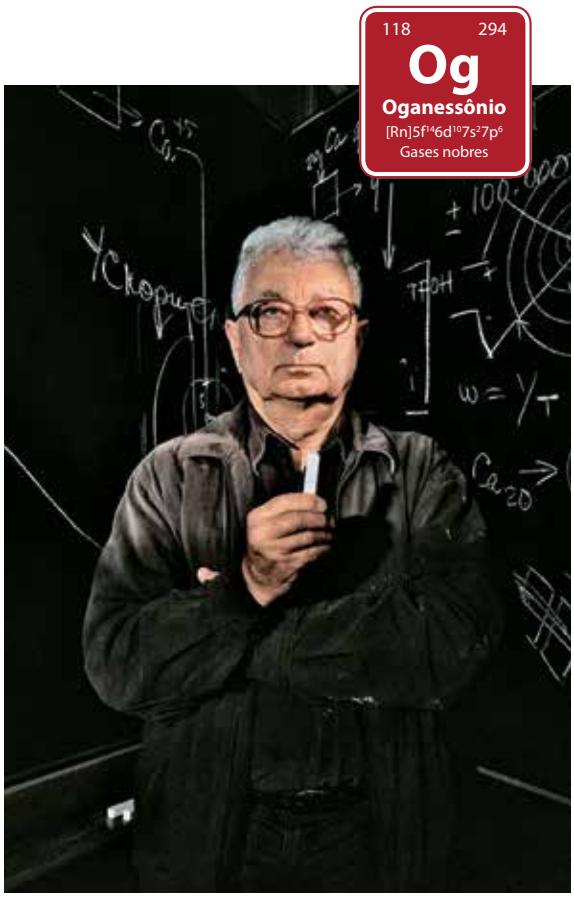
7. Oganessônio (Og)

O último e mais pesado elemento conhecido, o 118, leva o nome de Iúri Oganessian, que liderou sua síntese em Dubna em 2002, em colaboração com o Laboratório Lawrence Livermore.

O elemento 118, assim como o 115, é altamente radioativo, com uma meia-vida não superior a uma fração de segundo. Suas propriedades ainda estão sendo estimadas: nominalmente, o oganessônio é um gás nobre, como o neônio e o xenônio.

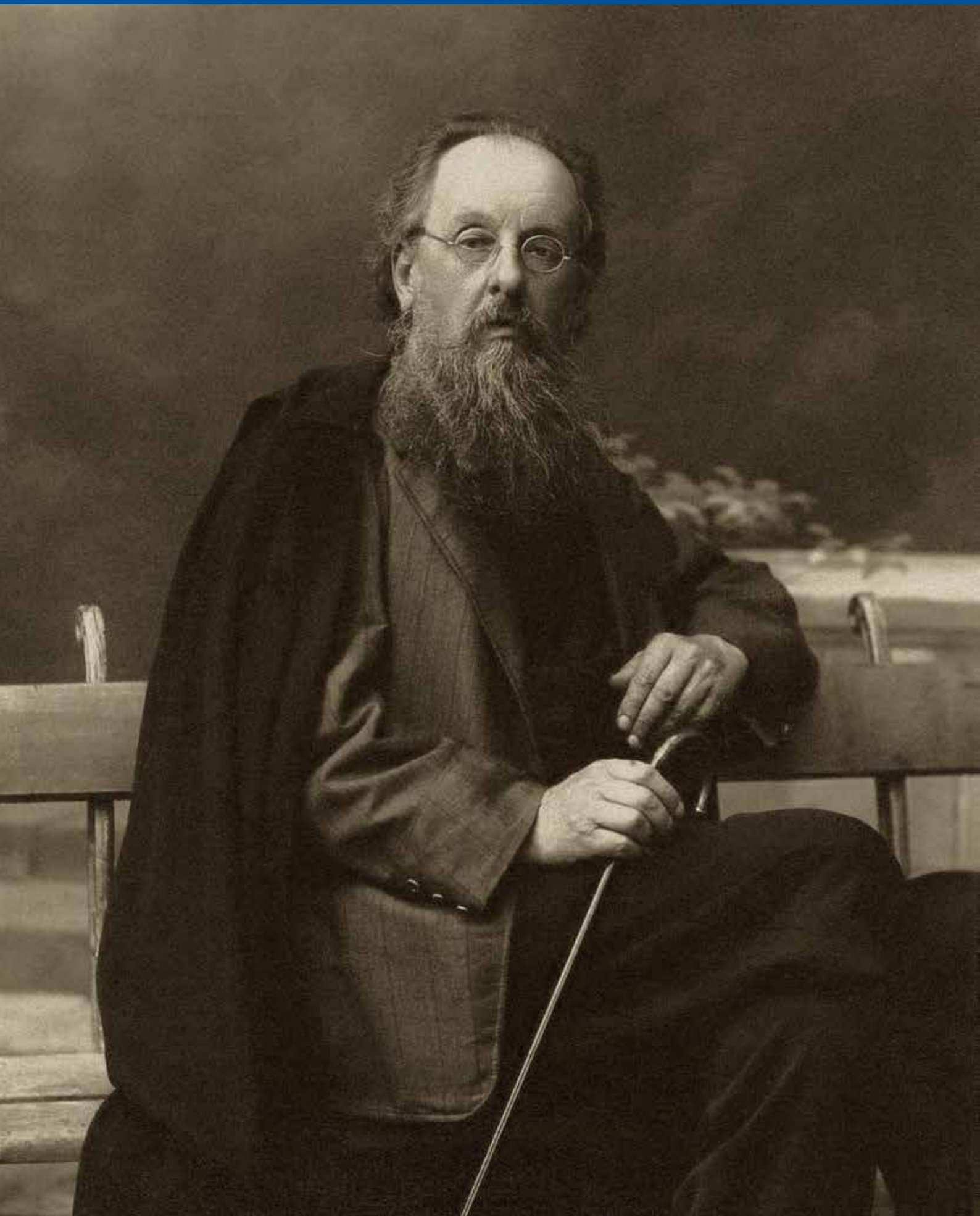
Cientistas ao redor do mundo estão hoje trabalhando na obtenção dos elementos 119 a 126 – cuja existência é prevista pela ciência teórica, mas na prática ainda não foi confirmada.

Comemoração dos 65 anos do Instituto Conjunto de Pesquisa Nuclear (ICPN)



Iúri Oganessian

Fotos: Max Aguilera-Hellweg



Tsiolkóvski, o cientista do século XIX que sonhava com viagens interplanetárias

Por Ekaterina Aléieva, Russia Beyond

[https://br.rbth.com/cultura/86301-7-obras-musicais-classicas-de-rachmaninoff]

Pioneiro da cosmonáutica teórica, ele não recebeu educação formal, mas tinha uma inteligência extraordinária e sonhava em lançar voos ao espaço. Em sua pequena casa de madeira, na região de Kaluga, ao sul de Moscou, ele criou modelos das primeiras naves espaciais. Suas ideias são reaproveitadas pelos engenheiros até hoje

Depois de adoecer com escarlatina quando ainda era criança, Konstantín Tsiolkóvski (1857-1935) perdeu a capacidade auditiva quase por completo, o que lhe impediu de ir à escola como as demais crianças. Mas a educação recebida em casa, associada à sua inteligência e ao seu pensamento inovador, levou-o a ideias que pareciam ultrapassar a barreira da fantasia na época.

Eis, a seguir, as cinco ideias mais interessantes do cientista, que antecipou diversos aspectos da era espacial.

I. Dirigível de metal

Em 1885, quando apenas balões de borracha ou tecido subiam aos céus, Tsiolkóvski, aos 28 anos, desenvolveu uma teoria sobre como criar a primeira aeronave de metal, que diferia das aeronaves existentes. Ele formulou todas as suas características técnicas e sugeriu a possibilidade de usar ar quente como combustível, em vez de hidrogênio.

Estudo de Tsiolkóvski

Tsiolkóvski com protótipo

Edição de 1928 de livro detalhando o projeto de Tsiolkóvski para a construção de dirigíveis de aço

O cientista chegou à conclusão de que as aeronaves construídas com metal não só atenderiam às exigências futuras de conforto e segurança, como também seriam mais rentáveis. No entanto, ele não recebeu nenhum apoio financeiro para construir a aeronave. Apenas 50 anos depois, os cálculos realizados em uma fábrica soviética provaram que o conceito da aeronave de Tsiolkóvski estava correto.

2. "A máquina-pássaro voadora"

Outra ideia de Tsiolkóvski que também não foi abraçada por seus contemporâneos antecipou em várias décadas o surgimento dos aviões. O avião, segundo Tsiolkóvski, tinha que ter a forma de um "pássaro congelado em um voo muito alto".

O gênio russo apontou as falhas dos modelos existentes (que tentavam imitar asas) e propôs a criação de aviões com uma forma aerodinâmica e construção de metal, o que deveria, segundo os seus cálculos, ajudar a aumentar a velocidade.

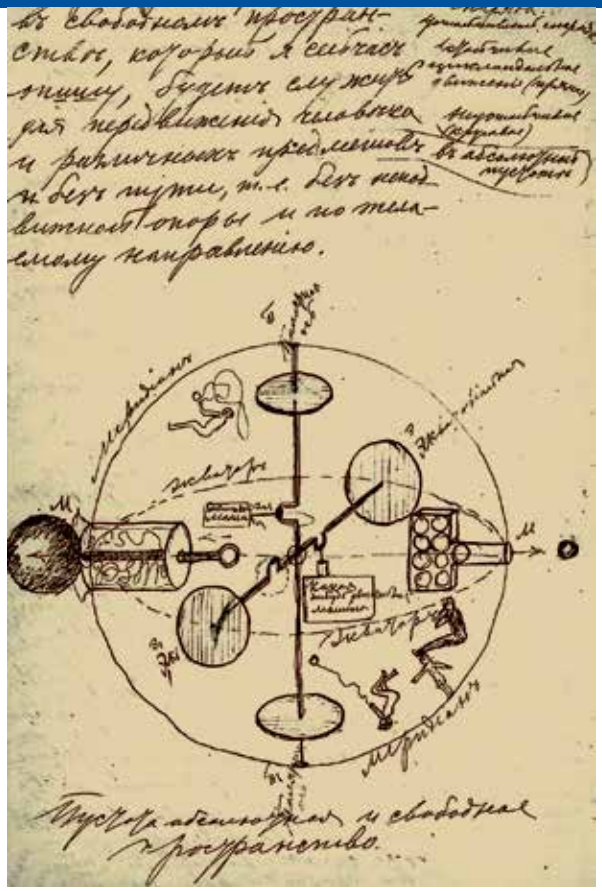
Suas ideias de construção foram mais avançadas do que diversos projetos posteriores desenvolvidos pelos irmãos Wright, por Voisin e por outros pioneiros da aviação.

3. Voos de propulsão a jato

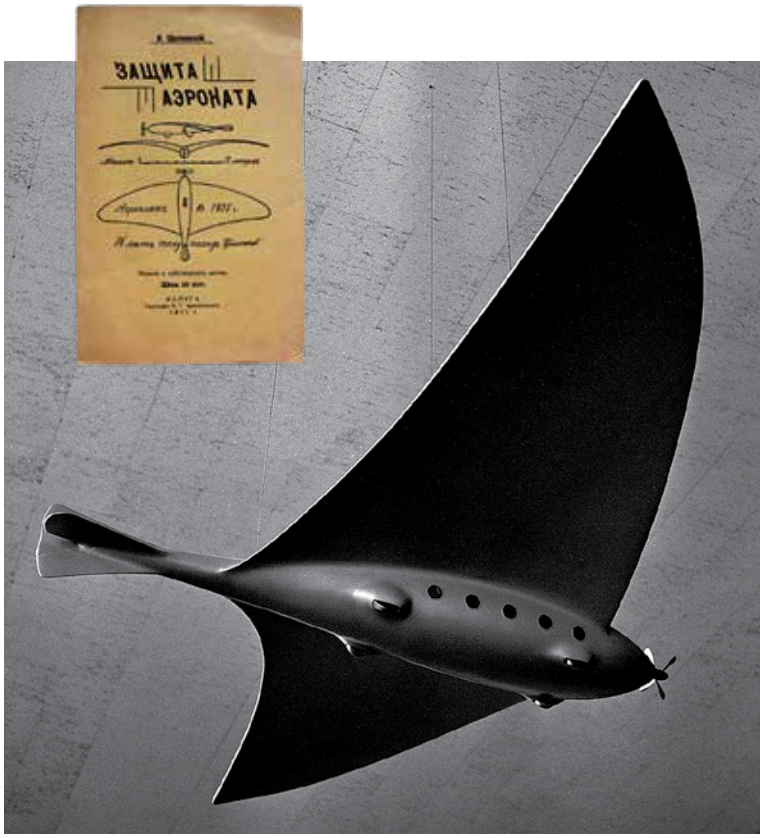
A ideia que mais tarde tornaria o nome do cientista famoso no mundo inteiro não tinha a ver com voos na atmosfera terrestre, mas no espaço. No seu trabalho "Espaço Livre", de 1883, Tsiolkóvski utilizou como narrador um homem que se encontra no espaço, sem forças de resistência nem gravidade.

É precisamente nesse trabalho que, pela primeira vez, conclui-se que o movimento de propulsão a jato é o único modo possível de deslocamento no espaço sideral. O posterior "A Exploração do Espaço Sideral por meio de Dispositivos de Reação" fundamentou essa conclusão com leis simples da mecânica.

Nas publicações subsequentes, Tsiolkóvski propôs vários projetos de motores reativos a fluidos usados até hoje na construção de foguetes.



Primeiro projeto de nave espacial de Konstantin Tsiolkovsky. Este projeto inclui um sistema de giroscópios, a ausência de peso a que os astronautas são submetidos e a bolsa de saída de ar para o espaço.



Edição de 1928 de livro sobre dirigíveis de aço

4. Cosmonáutica teórica

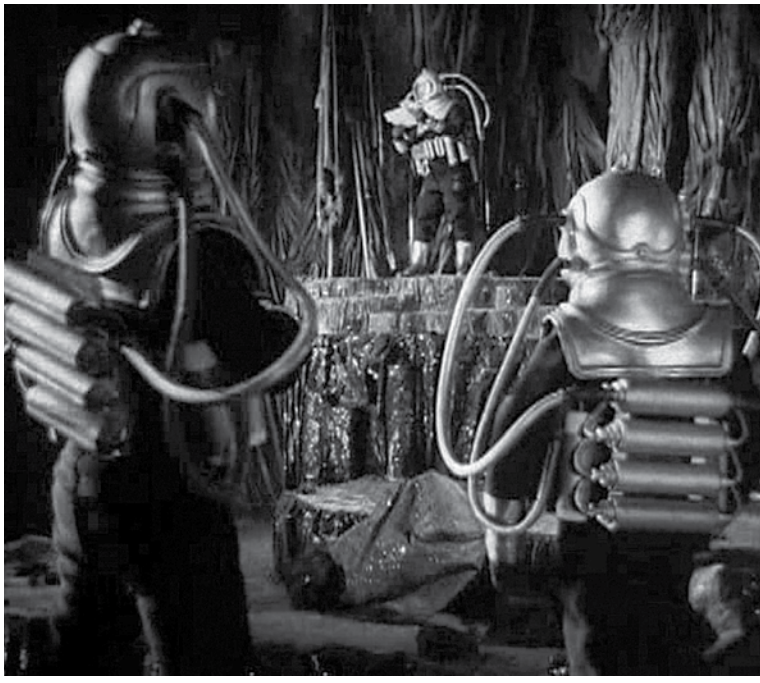
Além de projetar aeronaves que poderiam ser lançadas ao espaço, Tsiolkóvski também conseguiu determinar a velocidade mínima para superar a gravidade da Terra e alcançar a órbita e calculou uma trajetória ideal de voo de descida do objeto espacial. Trata-se de uma trajetória usada até hoje para aterrissar aparelhos espaciais.

5. Trem-foguete

Tsiolkóvski criou o termo "trem-foguete" para o protótipo de foguetes com múltiplos estágios, isto é, foguetes compostos que começariam seu movimento na terra para depois levantarem voo e partirem rumo ao espaço sideral.

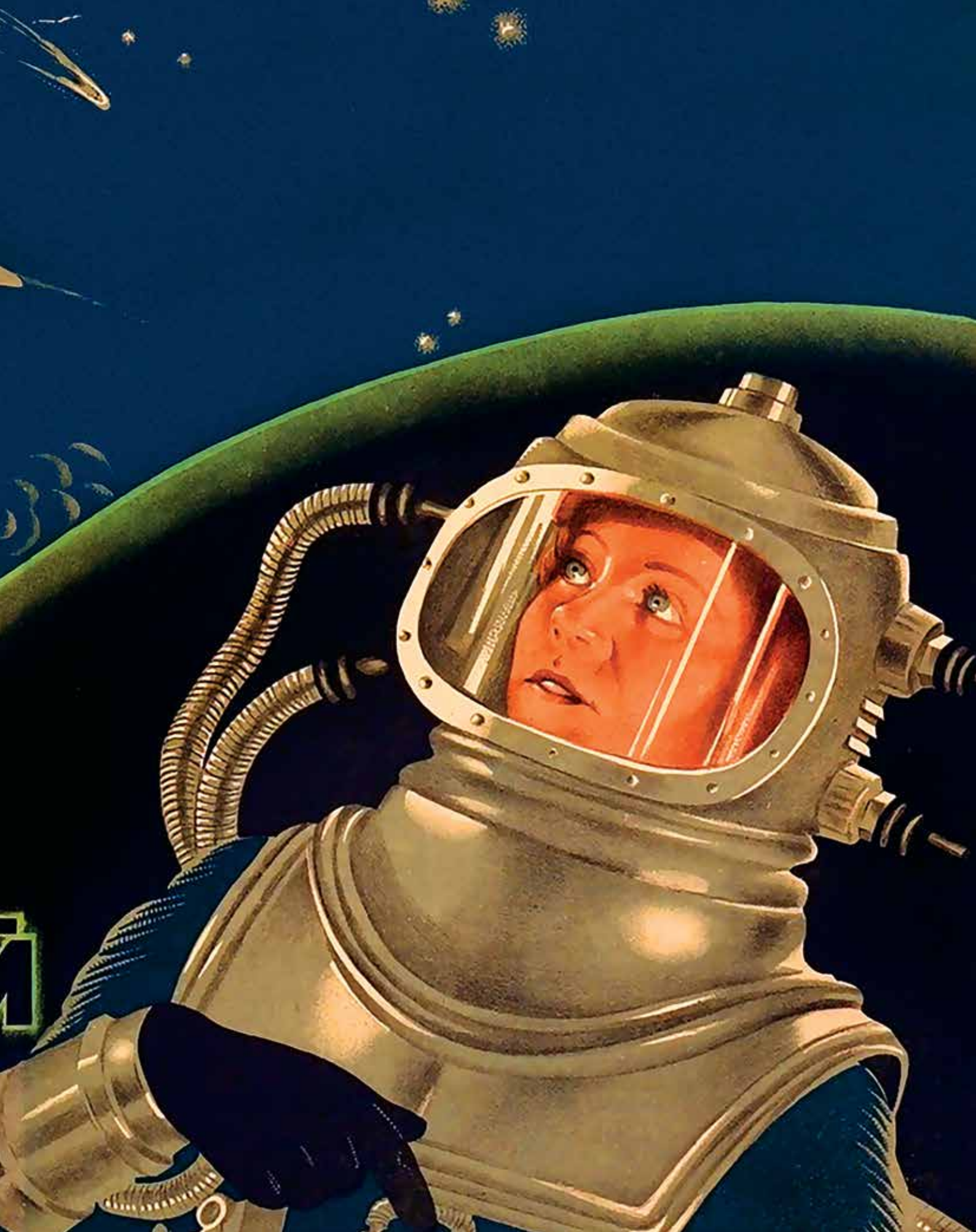
Depois de gastar o combustível, cada um dos foguetes do conjunto deveria se desengatar e ser lançado de volta à Terra. O comprimento de cada foguete, segundo o cientista, deveria ser de 30 metros, com o diâmetro de 3 metros.

O mesmo sistema foi usado na nave espacial Vostók-1, que levou o primeiro homem ao espaço (em 12 de abril de 1961) e é usada até hoje.



Viagem Cósmica é um filme mudo de ficção científica soviético sobre a conquista do espaço, produzido pelo estúdio de cinema Mosfilm em 1935. O roteiro foi escrito com a participação e assessoria científica de Konstantin Tsiolkóvski, a quem o filme foi dedicado. Tsiolkóvski morreu logo após a conclusão do filme.

ЗВУКОВОЙ ХУДОЖЕСТВЕННЫЙ
ФАНТАСТИЧЕСКИЙ ФИЛЬМ
КОСМИЧЕСКИЙ
РЕЙС



7 obras musicais clássicas de Sergei Rachmaninoff que todo mundo deveria conhecer

Por Valéria Paikova, Russia Beyond

[https://br.rbth.com/cultura/86301-7-obras-musicais-classicas-de-rachmaninoff]

A influência de Rachmaninoff é inegável. Ele foi muitas vezes caracterizado como o "mais russo" de todos os compositores e é um dos maiores intérpretes da tradição da música clássica. Eis, então, suas obras mais essenciais, que testemunham seu gênio criativo

Sergei Rachmaninoff (1873-1943) começou a tocar piano aos quatro anos de idade. Quando se formou no Conservatório de Moscou, Sergei já era o autor do Primeiro Concerto para Piano, da ópera Aleko (em um ato) e de várias peças para piano e romances. "Compor música é tão vital para mim quanto respirar ou comer: esta é uma das funções essenciais da vida", disse Rachmaninoff, certa vez.

I. Prelúdio em Dó Sustenido Menor

Escrito em 1892, o "Prelúdio" alçou Rachmaninoff imediatamente à fama. Ele se tornou tão popular com o público que o compositor deixou de amar a própria obra.

Rachmaninoff tinha apenas 19 anos quando compôs a peça, que expressava o espírito da Rússia de uma forma inimitável. Compositor genial, pianista brilhante e regente talentoso, Rachmaninoff elevou a música a um nível totalmente novo e inatingível.

Sergei Rachmaninoff, em 1918

Rachmaninoff, em 1896

LP lançado em 1979, com a Sinfonia dos Sinos,executada pela Orquestra Sinfônica da URSS, regida por Evgeni Svetlanov

"Rachmaninoff foi criado de aço e ouro: aço em suas mãos e ouro em seu coração", dizia o virtuoso pianista polonês Josef Hofmann. Não seria possível caracterizá-lo melhor.

2. Concerto para Piano nº 2

Rachmaninoff experimentou um renascimento criativo, como ele mesmo descreveu, que se manifestou no Concerto para Piano nº 2, composto em 1901. Paradoxalmente, Rachmaninoff o escreveu após lutar contra uma forte depressão.

O compositor perdeu a fé em si mesmo logo após a estreia de sua "Sinfonia nº 1", que não foi bem recebida pela crítica e pelo público. A peça de Rachmaninoff foi mal ensaiada e mal interpretada pelo maestro (que acreditavam estar bêbado durante a noite de estreia, em 1897).

O compositor aceitou o fracasso do seu concerto, que estava, em muitos aspectos, muito à frente de seu tempo, muito próximo do coração. Rachmaninoff não compôs por vários anos, tendo se convencido de que era péssimo no ofício. No entanto, a psicoterapia o ajudou a superar seus medos e ele voltou a fazer música.

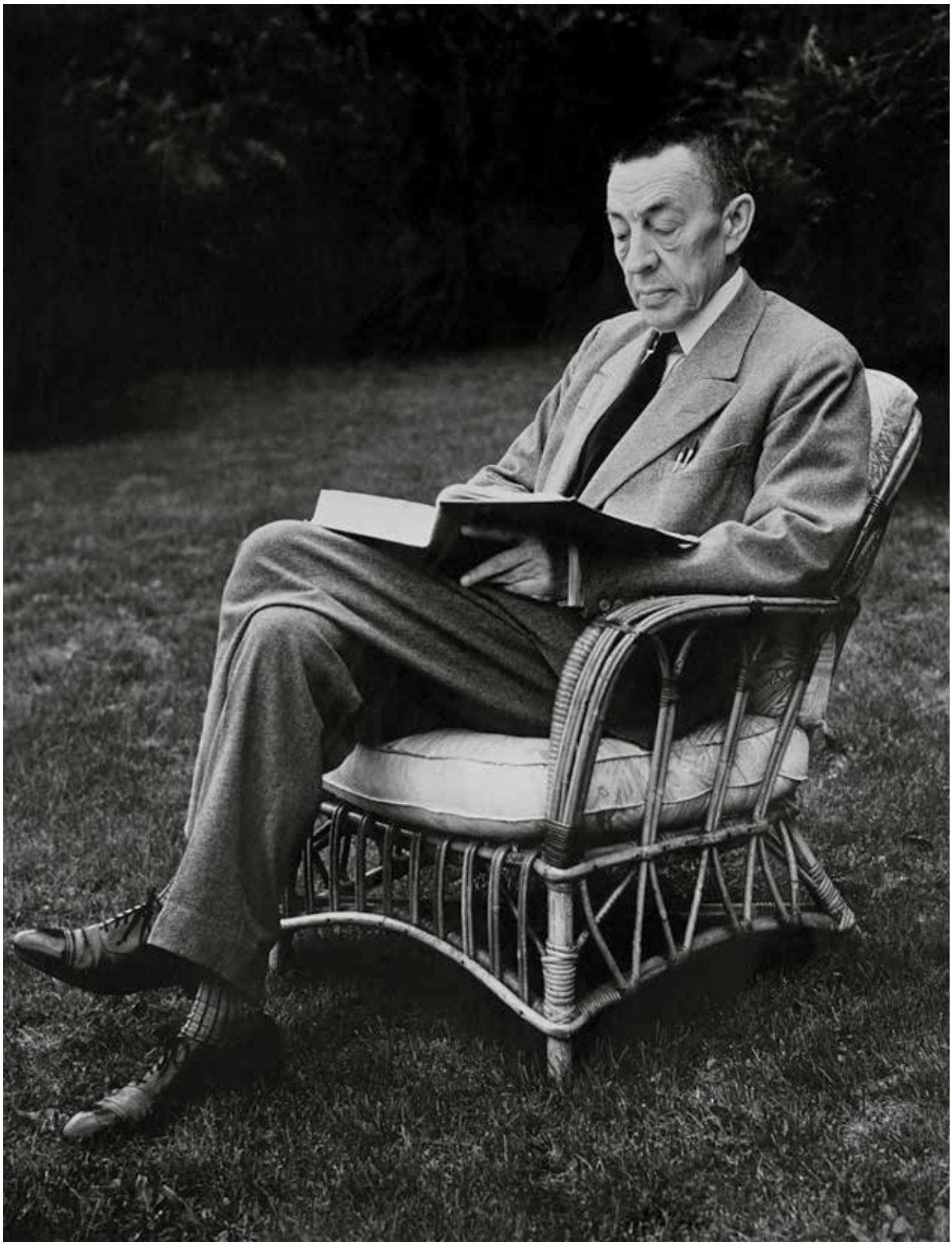
Este concerto é uma das peças mais populares de Rachmaninoff. Nikolai Metner, outro compositor russo genial, disse que o tema principal do Concerto para Piano nº 2 não é só a própria vida de Rachmaninoff, como também a Rússia toda. Cada vez que você ouve o repicar dos sinos de uma igreja, sente "a Rússia subir ao seu ápice".

3. Sinfonia dos Sinos

Rachmaninoff era uma criança incrivelmente receptiva. Sua avó o levava regularmente à igreja quando criança e ele ouvia os sinos, o canto coral e toda aquela atmosfera que o tomava. A Sinfonia dos Sinos trazia de volta às memórias do compositor sua infância na região de Nôvgorod, mas também era uma interpretação sobre a própria consciência russa, já que os sinos da igreja estão presentes na vida de cada cristão ortodoxo, do nascimento à morte.

Rachmaninoff trabalhou febrilmente nesta composição e acreditava que ela se manteria como uma de suas obras favoritas ao longo da carreira. Ela é uma sinfonia coral e leva a letra de um poema de Edgar Allan Poe (traduzido para o russo pelo poeta simbolista Konstantin Balmont).

As quatro partes da sinfonia recriam quatro fases da vida, com felicidade, medo, amor e morte alternando-se entre si, como as quatro estações.



Sergei Rachmaninoff

Rachmaninoff , por Boris Fedorovich Chaliapin (1940)

Rachmaninoff com suas filhas, Irina e Tatyana

4. Concerto para Piano nº 3

Segundo o premiado pianista russo Nikolai Luganski, famoso por suas interpretações de Rachmaninoff, é seguro dizer que esta obra é "o maior concerto para piano já escrito". Ela contém cerca de 50 mil notas e reflete um amálgama de emoções, desde tristeza e vazio a paixão e dor.

O final do concerto, cheio de coragem e vitalidade, hipnotiza os ouvintes com seu ritmo e seus movimentos rígidos. Composto em 1909 e com trilha para piano solo e orquestra, ele estreou na cidade de Nova York durante a turnê de Rachmaninoff pelos Estados Unidos.

5. Prelúdio em Sol Menor

Junto com o Segundo Concerto, o Prelúdio em Sol Menor, composto em 1901, tornou-se um marco do repertório clássico para piano russo. A composição é construída sobre uma justaposição contrastante de um movimento de marcha austero com um tema sonhador e lírico.

No início da década de 1900, Rachmaninoff se apresentava regularmente na Europa como pianista e maestro. Em 1907, ele participou de concertos históricos organizados pelo empresário de dança russo Sergei Diaghilev em Paris e, entre 1910 e 1911, Rachmaninoff fez shows no Reino Unido e na Alemanha.

"Sou um compositor russo e minha terra natal deixou uma marca em meu caráter e em meus pontos de vista. Minha música é fruto do meu caráter e, portanto, é música russa", afirmou Rachmaninoff.

Inicialmente, ele recebeu a Revolução de fevereiro de 1917 de braços abertos. Mas o sentimento de alegria logo foi substituído por ansiedade. Rachmaninoff temia que, com o colapso de todo o sistema, sua atividade artística na Rússia como pianista e compositor pudesse ser prejudicada.

Assim, ele aproveitou um convite da Suécia para realizar um concerto em Estocolmo. Em dezembro de 1917, Rachmaninoff fez uma viagem à Escandinávia, de onde nunca mais voltou para a Rússia. Em 1918, sua família se estabeleceu em definitivo nos Estados Unidos.

6. Rapsódia sobre um Tema de Paganini

Rachmaninoff compôs esta peça em sua "Villa Senar", na Suíça, no final do verão de 1934. "O constante desejo de compor música é o desejo que existe dentro de mim de expressar meus sentimentos por meio dos sons, assim como falo para expressar meus pensamentos. Acho que, na vida de cada compositor, a música deve cumprir exatamente essa função", disse Rachmaninoff.

Para esta obra, escrita na forma de variações, o compositor escolheu o tema do famoso 24º Caprice para Violino, de Niccolo Paganini. Sua Rapsódia é uma viagem sensual através do tempo, do espaço, dos gêneros, dos estilos e das eras.

7. Danças Sinfônicas

As Danças Sinfônicas foram criadas por Rachmaninoff em um momento muito difícil, na virada final de sua vida. Em 1939, a Segunda Guerra Mundial começou com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista. Rachmaninoff, com a mulher e duas filhas, teve que deixar com urgência sua "Villa Senar", na Suíça, onde a família passava cada verão, e retornar aos Estados Unidos, para onde o compositor havia emigrado em 1918.

O problema era que a filha mais nova de Rachmaninoff, Tatiana, tinha ficado na França e eles ficaram sem comunicação com ela. Assim, Rachmaninoff passou o verão de 1940 perto de Nova York, na cidade de Huntington, em Long Island.

Ali, era assombrado por pensamentos sobre a filha que tinha ficado na Paris ocupada pelos nazistas, sobre o destino da Europa e, sobretudo, sobre o destino da Rússia. Felizmente, Tatiana sobreviveu à guerra e, mais tarde, voltou a se reunir com sua família.

Verdadeiro perfeccionista, Rachmaninoff investiu todo o seu tempo e energia em sua última obra sinfônica, originalmente intitulada Danças Fantásticas. "Esta foi a minha última explosão", disse ele.

O Rachmaninoff que compôs música nos EUA e o que compunha na Rússia eram totalmente diferentes. Era visível que Rachmaninoff estava com muitas saudades de casa, e suas obras nos EUA eram cheias de nostalgia. Rachmaninoff nunca mais pisou na Rússia e morreu em 1943, em Beverly Hills, Califórnia, após uma doença grave.

Anualmente, em Kazan, a Orquestra Sinfônica Nacional do Tartaristão realiza um festival internacional em homenagem a Sergei Rachmaninoff

Pintura de Dmitry Averyanov, 2022

Há 203 anos, a expedição russa liderada por Thaddeus Bellingshausen e Mikhail Lazarev descobriu a Antártica

[http://www.raruss.ru/travels/2560-bellingshausen.html]

Em 28 de janeiro de 1820, a expedição russa liderada pelo capitão de 2º escalão Thaddeus Bellingshausen e pelo tenente Mikhail Lazarev descobriu o sexto continente – a Antártica. A primeira expedição russa ao Polo Sul durou 751 dias. Durante dois anos, a equipe de exploradores mapeou 29 novas ilhas.

A descoberta final e confiável da Antártica data de 1820. Anteriormente, as pessoas haviam apenas especulado que ela existia. As primeiras suposições vieram de uma expedição portuguesa de 1501 a 1502, com o viajante florentino Amerigo Vespucci (cujo nome, por uma estranha coincidência, foi mais tarde imortalizado em nome do enorme continente). Mas a expedição não conseguiu ir mais longe do que a Ilha da Geórgia do Sul, que ficava a uma grande distância do continente antártico. "O frio era tão forte que nenhuma de nossas flotilhas conseguia suportar", testemunhou Vespucci. James Cook foi o mais distante em águas antárticas quando desmascarou o mito do gigante desconhecido do Sul da Terra. Mas ele também teve que se limitar à especulação: "Não negarei que pode haver um continente ou uma terra significativa perto do polo. Pelo contrário, estou convencido de que existe tal terra, e é possível que tenhamos visto parte dela. O grande frio, o grande número de ilhas de gelo e o gelo flutuante provam que deve haver uma terra ao sul [...]". Ele até escreveu um tratado especial: "Argumentos pela existência de uma terra perto do Polo Sul".

Entretanto, a honra de descobrir o sexto continente coube aos marinheiros russos. Dois nomes foram para sempre inscritos na história das descobertas geográficas: Thaddeus Faddeyevich Bellingshausen (1778-1852) e Mikhail Petrovich Lazarev (1788-1851).

Bellingshausen nasceu em 1778, na ilha de Saaremaa (atual Estônia), no mar Báltico, e foi educado no Naval Cadet Corps. Desde cedo, ele sonhava com o mar. "Eu nasci entre o mar", escreveu ele. "Assim como um peixe não pode viver sem água, também eu não posso viver sem o mar". Em 1803-1806, Bellingshausen participou da expedição e da primeira circum-navegação russa do globo no navio Nadezhda, liderado por Ivan Krusenstern. Lazarev era dez anos mais jovem, tendo feito três viagens ao redor do mundo em sua vida. Em 1827, ele participou da batalha naval de Navarino contra os turcos; mais tarde, por quase 20 anos, ele comandou a frota do Mar Negro. Entre os estudantes de Lazarev estavam destacados os comandantes navais russos Vladimir Kornilov, Pavel Nakhimov e Vladimir Istomin.

O destino reuniu Bellingshausen e Lazarev em 1819. O Ministério Marítimo planejou uma expedição para as altas latitudes do Hemisfério Sul. Dois navios bem equipados deveriam fazer uma viagem difícil. Um, o talude Vostok, foi comandado por Bellingshausen, e o outro, o Mirny, por Lazarev. Muitas décadas mais tarde, as primeiras estações da Antártica soviética teriam os nomes desses navios.

Em 16 de julho de 1819, a expedição zarpou. Seu objetivo foi formulado de forma sucinta: descobrir "o Polo Antártico na possível proximidade". Os navegadores foram instruídos a explorar a Geórgia do Sul e a Sandwich Land (agora, as South Sandwich Islands, uma vez descobertas por Cook) e "continuar suas pesquisas até a maior latitude possível", usando "todo o esforço possível e o maior esforço possível para chegar o mais próximo possível do polo, procurando por terras desconhecidas". A instrução foi escrita em "clima favorável", mas ninguém sabia como funcionaria na prática. No entanto, a sorte favoreceu tanto Vostok quanto Mirny. A Ilha da Geórgia do Sul foi descrita em detalhes; foi estabelecido que Sandwich Land não era uma ilha, mas um arquipélago inteiro; e Bellingshausen nomeou a maior ilha do arquipélago como Cook Island. Os primeiros preceitos das instruções provaram ser passíveis de ser cumpridos.

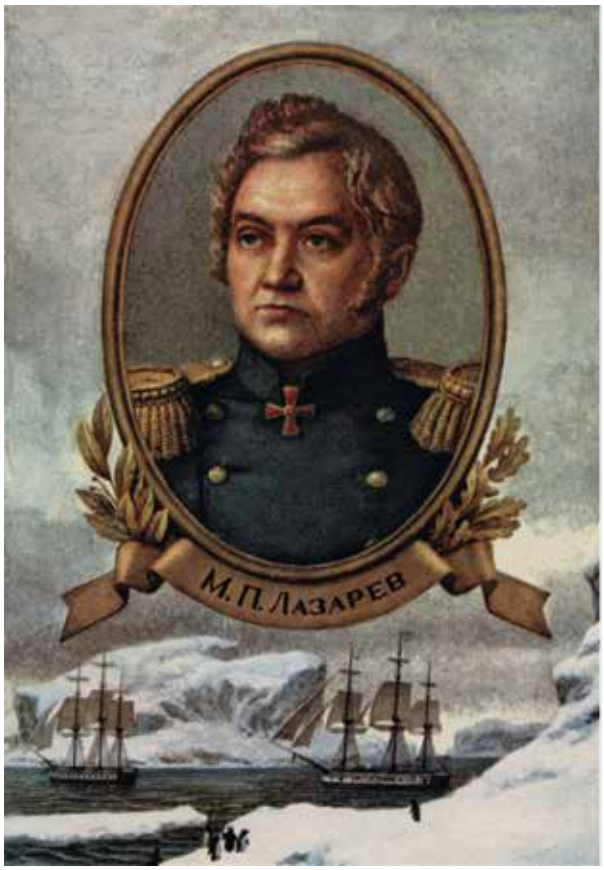
As infinitas extensões de gelo já eram visíveis no horizonte; ao longo de sua borda, os navios continuavam sua viagem de oeste para leste. Em 27 de janeiro de 1820, eles cruzaram o Círculo Polar Sul e, no dia seguinte, chegaram perto da barreira de gelo do continente antártico. Apenas mais de 100 anos depois, a área foi visitada novamente por exploradores noruegueses da Antártica: eles a chamaram de Princess Martha's Land. Em 28 de janeiro, Bellingshausen escreveu em seu diário: "Continuando em direção ao sul, ao meio-dia, na latitude 9º21'28" e na longitude 2º14'50", encontramos gelo, que apareceu como nuvens brancas através da neve à deriva. Tendo viajado mais duas milhas para o sudeste, a expedição encontrou 'gelo sólido'; tudo ao redor esticado como 'um campo de gelo salpicado de knolls'".

O navio de Lazarev estava com muito melhor visibilidade. O capitão observava "gelo derretido [ou seja, muito grosso, sólido] de altura extraordinária" e "estendendo-se até onde o olho podia alcançar". Era um gelo que fazia parte da camada de gelo da Antártica. Assim, o dia 28 de janeiro de 1820 entrou para a história como a data da descoberta do continente antártico. Em mais duas ocasiões (em 2 e 17 de fevereiro), Vostok e Mirny se aproximaram bem perto das costas da Antártica. As instruções orientavam para uma "busca de terras desconhecidas", mas mesmo o mais determinado de seus compiladores não poderia ter previsto um cumprimento tão surpreendente.

O inverno estava se aproximando do Hemisfério Sul. Mudando para o norte, os navios da expedição sulcaram as águas do Pacífico em latitudes tropicais e temperadas. Um ano se passou. Vostok e Mirny novamente se dirigiram para a Antártica; por três vezes, cruzaram o Círculo Polar Sul.

Em 22 de janeiro de 1821, uma ilha desconhecida surgiu à vista. Bellingshausen a chamou de Ilha de Pedro I – "o alto nome do originador da Marinha do Império Russo". Em 28 de janeiro – exatamente um ano desde o evento histórico –, um dia ensolarado e sem nuvens, as tripulações dos navios observaram uma costa montanhosa que se estendia para o sul além dos limites da visibilidade.

A terra de Alexandre I apareceu em mapas geográficos pela primeira vez. Agora, não havia dúvida: a Antártica não era simplesmente um gigantesco maciço de gelo, não um "continente de gelo", como Bellingshausen chamou em seu relatório, mas um verdadeiro continente "terrestre". No entanto, ele mesmo nunca falou sobre a descoberta do continente. E não é por causa de um senso de falsa modéstia: ele entendeu que não era possível tirar conclusões finais "pisando na lateral do navio", mas apenas conduzindo pesquisas em terra. Bellingshausen não poderia fazer nem mesmo uma ideia aproximada do tamanho ou do contorno do continente. Isso levou muitas décadas.



Mikhail Petrovich Lazarev (1788-1851)

Thaddeus Faddeyevich Bellingshausen (1778-1852)

Ao completar sua "odisseia", a expedição fez um levantamento detalhado das South Shetland Islands, cujo único avistamento anterior conhecido foi o do inglês W. Smith, que as observou em 1818. As ilhas foram descritas e mapeadas. Muitos dos companheiros de Bellingshausen tomaram parte na Guerra Patriótica de 1812. Portanto, em memória de suas batalhas, algumas ilhas receberam nomes apropriados: Borodino, Maloyaroslavets, Smolensk, Berezina, Leipzig, Waterloo. Entretanto, elas foram posteriormente renomeadas por marinheiros ingleses, o que parece injusto. A propósito, em Waterloo (seu nome moderno é King George), em 1968, foi fundada a estação científica soviética mais setentrional da Antártica – Bellingshausen.

No final de janeiro de 1821, Bellingshausen enviou os navios, que haviam sido muito danificados pelas tempestades e pela navegação no gelo, para o norte e, após reparos no Rio de Janeiro, trouxe-os para Kronstadt em 24 de julho de 1821. A navegação dos navios russos durou 751 dias, e sua extensão foi de quase 100 mil quilômetros (a mesma quantidade é obtida se alguém contornar a Terra ao longo do Equador por duas vezes e um quarto). Ao todo, 29 novas ilhas foram mapeadas. Foi assim que começou a crônica da exploração antártica, com os nomes de exploradores de muitos países inscritos nela.

Em homenagem ao 201º aniversário do descobrimento da Antártica, em setembro de 2021, na cidade do Rio de Janeiro, à beira da Baía de Guanabara, foi inaugurado o monumento ao grande marinheiro e navegador russo Faddei Bellinsghausen, com o apoio da fundação russa Arte, Ciência e Esporte, da Embaixada da Rússia no Brasil e do Consulado-Geral da Rússia no Rio de Janeiro.

Mais imagens da expedição de Bellingshausen, além de pinturas e rascunhos do Rio de Janeiro e dos arredores, podem ser encontradas em: <http://www.raruss.ru/travels/2560-bellingshausen.html>.

A igreja da Santíssima Trindade fica iluminada na estação de Bellinghausen, na Rússia, na Ilha Rei George, na Antártica. A Santíssima Trindade é a Igreja Ortodoxa Oriental mais ao sul do mundo, além de funcionar como um farol de luz para os navios que chegam (foto de Natacha Pisarenko, 2015)

Pavlov no Departamento de Fisiologia da Academia Médica Militar após a demonstração de uma experiência durante palestra em 1912

O homem por trás do Cão de Pavlov

Por Josh Nadeau, Russia Beyond

[https://br.rbth.com/ciencia/86941-o-homem-por-tras-do-cao-pavlov]

Ivan Pavlov pode ser o cientista mais famoso da Rússia, mas, para a maioria dos estrangeiros, ele vive à sombra de seus famosos experimentos com cães. Afinal, quem foi Pavlov e quais foram suas contribuições para a história da ciência?

Fico sabendo que os moradores de Koltuchi, situada a apenas 20 quilômetros de São Petersburgo, mal sabem quem plantou as árvores no amado parque da cidade. Estou lá em um sábado e muitos estão passeando com a família ou os amigos. Minha guia, Irina Aktuganova, continua contando que muitos também não saberiam que os edifícios de madeira espalhados pela vegetação fazem parte dos patrimônios protegidos pela Unesco, extensos monumentos ao cientista e primeiro Prêmio Nobel russo: Ivan Petrovitch Pavlov.

Um homem à sombra dos cães

Quando os estrangeiros pensam em Ivan Pavlov, é mais provável que venham à cabeça seus experimentos com cães, em vez dos parques que ele cultivou. Na verdade, muitos sequer se lembram do homem em si – destino estranho para um cientista cujo nome aparece nos livros didáticos do ensino médio em todo o mundo. Pouco se fala do lago no qual o pesquisador nadava todas as manhãs ou da bania (sauna) para a qual convidava seus

hóspedes ou da amada bicicleta que comprou na Suécia antes da revolução de Lênin.

Ou sobre como ele sobreviveu à revolução, por falar nisso.

Antes de vir para Koltuchi, eu não fazia ideia de que as mesmas mãos que tocavam sinos para cães também cultivaram pomares inteiros de macieiras ou que jovens chimpanzés costumavam clamar aqui entre as árvores e os bustos de cientistas como Descartes, Mendel ou Sechenov. Aktuganova, a curadora de uma nova exposição permanente de arte e ciência localizada no porão do laboratório histórico de Pavlov, compartilha que foi o próprio cientista que transformou esta terra de uma aldeia avulsa, outrora habitada pela diáspora finlandesa, na primeira cidade acadêmica oficial do país.

Cria do Império Russo

Nascido em 1849, no que ainda era o Império Russo, Pavlov era o mais velho de 11 filhos, criados por um padre ortodoxo russo e sua esposa. Devido a uma lesão precoce quando criança, ele não pôde começar a escola até os 11 anos de idade. Apesar disso, mostrava um alto grau de inteligência e potencial acadêmico – já lia sozinho aos 7 anos de idade e, depois de mudar da teologia para a fisiologia (transferindo seus estudos de Riazan para São Petersburgo, para fazê-los), ele ganhou vários prêmios de prestígio ainda antes de se formar.

Seu maior prêmio, porém, ainda estava por vir. Depois de passar uma temporada na Alemanha, onde cursou doutorado, ele retornou a São Petersburgo e, em 1891, acabou sendo convidado a organizar o Departamento de Fisiologia do Instituto de Medicina Experimental, que ele viria a transformar em um centro global de pesquisa fisiológica. Ele foi indicado ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina todos os anos após 1901 – até ganhá-lo em 1904, não por seu trabalho com cães, mas "em reconhecimento ao seu trabalho na fisiologia da digestão, por meio do qual o conhecimento sobre os aspectos vitais do assunto foi transformado e ampliado". Foi a partir daí que seu experimento famoso se tornaria possível.

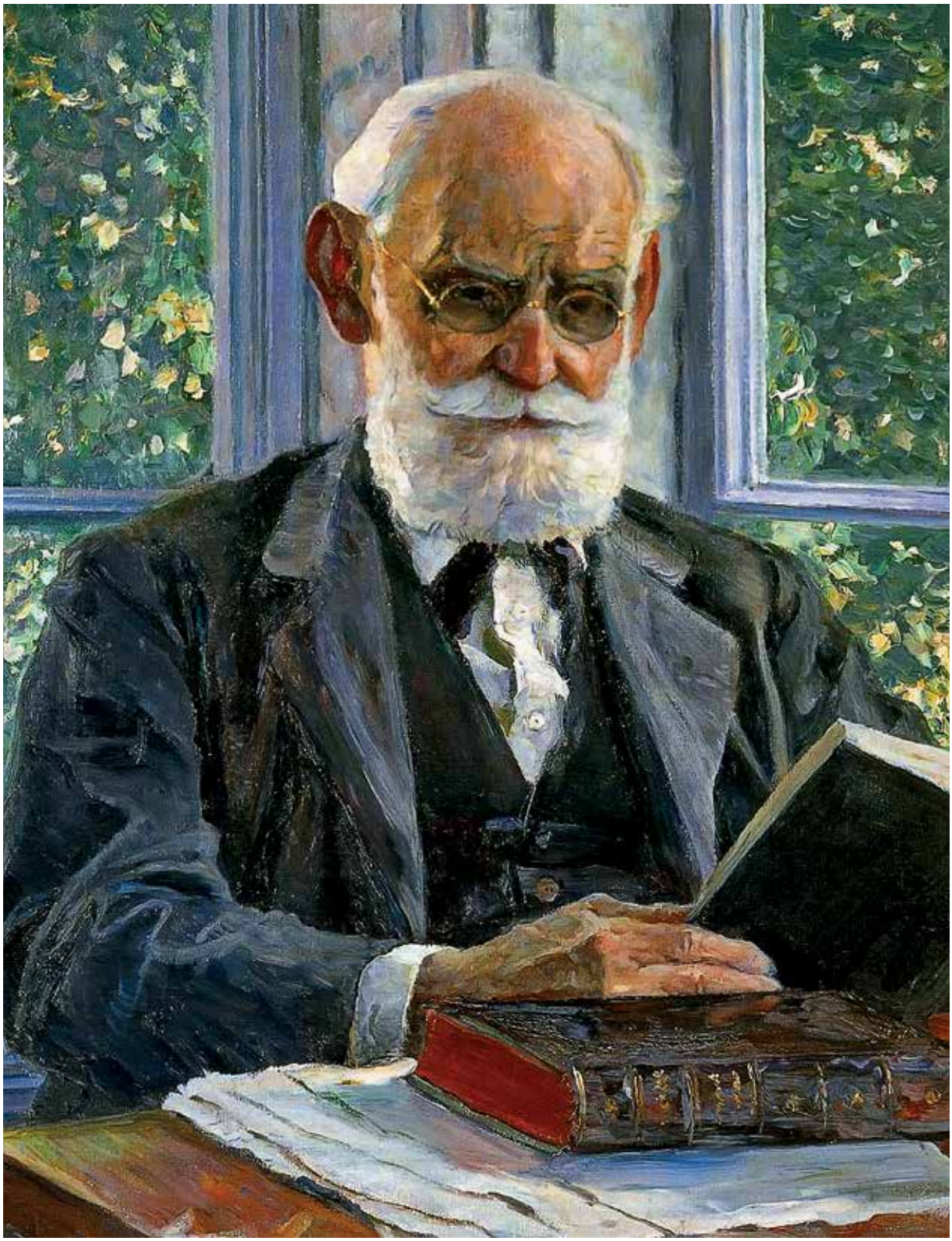
Famoso experimento

Os "reflexos condicionados" pelos quais Pavlov é conhecido referem-se a como qualquer organismo com

Pavlov e sua futura esposa Sara Karchevskaya (foto de Yasvoin Ilyich, 1880)

Museu Pavlov em Koltuchi

Ivan Pavlov abrindo o 16º congresso de fisiologistas no palácio Uritsky em Leningrado, agosto de 1935



Pavlov por Mikhail Vasilyevich Nesterov (1930s)

um sistema nervoso suficientemente desenvolvido pode apresentar reflexos especiais em resposta ao seu ambiente. Para tal, Pavlov criou câmaras à prova de som, onde os cães seriam mantidos, cujo único estímulo era um pouco de comida ou o tilintar de um sino. O sino era tocado antes que o cachorro recebesse carne e, assim, os cães aprenderam eventualmente a associar o sino com a alimentação. Usando sua experiência com o sistema digestivo, Pavlov foi capaz de medir os níveis de saliva dos cachorros para confirmar que suas glândulas produziam saliva em resposta ao sino, e não à visão ou ao cheiro da comida.

Foi essa descoberta que o levou a se tornar um nome familiar. A curiosidade, combinada com o mistério associado aos seus experimentos, levou seu complexo laboratório a ser chamado de Torre do Silêncio. Ficava localizado no centro da antiga capital imperial, na ilha Petrogradski, mas o desenrolar da história não necessariamente proporcionaria a Pavlov o silêncio que ele tanto procurava. A eclosão da Primeira Guerra Mundial e a revolução que se seguiu transformaram a cidade em um cenário caótico de desordem e violência.

Primeira vila científica da Rússia

Embora Pavlov criticasse abertamente a ideologia soviética, seu trabalho lhe rendeu o respeito de ninguém menos do que Lênin. "Ele não poderia trabalhar em desordem", diz Aktuganova. "Assim, Pavlov escreveu a Lênin uma carta, que dizia: 'dê-me um lugar para trabalhar em paz ou eu emigrarei'". O plano funcionou, e o cientista recebeu quase um milhão de rublos em ouro para realocar seu laboratório. Com isso, ele escolheu Koltuchi.

Ele, então, construiu um complexo de medicina experimental e o cercou com o que se tornou a primeira vila científica da Rússia. Isso incluía seu laboratório, uma casa (que raramente usava), um complexo com hotel, cafeteria e clube, cinco chalés para funcionários e, claro, os canis para os cães, os chimpanzés e os outros animais com os quais trabalhava. Isso formou o núcleo de um conjunto de edifícios que se expandiu com os anos até se tornar um subúrbio funcional da crescente Leningrado (conhecida agora como São Petersburgo).

"Olhando para este lugar agora", diz Aktuganova, "você não imaginaria que uma figura mundialmente famosa morava aqui. Com o status da Unesco, deveria haver mais turistas e mais infraestrutura de suporte [a visitas]".

Casa de Ivan Pavlov em Riazã, atualmente um museu

Legado de Pavlov

Mas lembrar de Pavlov e de suas contribuições nunca esteve no topo da lista das prioridades nacionais – após sua morte por pneumonia, em 1936, o suporte à vila continuou até a Perestroika, na década de 1980. Com foco maior em questões sociais, os recursos financeiros que seriam normalmente investidos nas ciências exatas acabaram sendo redirecionados.

No entanto, ainda existe um museu local que conta como Pavlov viveu seus últimos anos de vida. Há fotos dele com sua esposa Serafima (ou Sara) e seus filhos (dos quais dois morreram enquanto Pavlov ainda estava vivo). Ao lado, há fotos de visitantes internacionais, como Niels Bohr e H. G. Wells. Instantâneos com artistas famosos, como Iliá Repin, também podem ser encontrados, confirmando a época em que Pavlov viveu – uma época em que arte e ciência não eram necessariamente concorrentes. A exposição permanente no porão, uma colaboração entre jovens artistas e cientistas, busca revitalizar essa tradição.

Desde então, asteroides, crateras lunares e princípios científicos foram nomeados em sua homenagem, mas tornou-se comum alguém ouvir sobre Pavlov sem saber nada sobre o próprio homem. Tais edifícios, assim como seus famosos cães, permanecem como um legado que não será esquecido tão cedo. O que resta é um testemunho de um cientista notável que mudou a maneira como pensamos sobre o nosso comportamento, os nossos desejos e outros segredos ainda trancados em nossos cérebros.

RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2022 #13

Capa: Universidade Estatal
de Moscou Lomonossov.
Quarta capa: Mikhail Lomonossov.

Sob direção
do Embaixador
da Rússia no Brasil
Alexey Labetskiy

Redação
Egor Sergachev

Pesquisa iconográfica
Paulo Roberto Pereira Pinto

Direção de arte
Paulo Roberto Pereira Pinto

Impressão
Athalaia Gráfica e Editora

Colaboração
Sputnik Brasil

Gazeta Russa

RÚSSIA